

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO I – MONOGRAFIA

A MULHER NAS PÁGINAS DO JORNAL EVANGÉLICO LUTERANO

Uma análise de conteúdo sob o enfoque dos estudos de gênero

Raquel Sander

Porto Alegre

2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
PROJETO EXPERIMENTAL EM JORNALISMO I – MONOGRAFIA

A MULHER NAS PÁGINAS DO JORNAL EVANGÉLICO LUTERANO

Uma análise de conteúdo sob o enfoque dos estudos de gênero

Raquel Sander

Monografia de conclusão apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Christa Berger

Porto Alegre

2007

Não se nasce mulher, é preciso tornar-se mulher.

Simone de Beauvoir

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai e à minha mãe, pelo constante apoio intelectual e emocional. A Christa Berger, pela orientação e pela paciência. Aos amigos e colegas de trabalho, também pela paciência e apoio. E à equipe do Jornal Evangélico Luterano pelo empréstimo dos exemplares do jornal.

RESUMO

Esta monografia tem por objetivo investigar a representação das mulheres no Jornal Evangélico Luterano – Jorev –, em sua seção *Gente Luterana*. Este objetivo é realizado através da análise de sete edições da *Gente Luterana*, de junho/julho de 2005 a junho/julho de 2006. As análises levam em conta o enfoque dos estudos de gênero, a trajetória e os objetivos do Jorev, a participação e a condição femininas na IECLB e uma visão de como as mulheres são normalmente retratadas pelos jornais. A metodologia utilizada é a análise de conteúdo. O resultado obtido é a verificação de que a seção representa as mulheres como atuantes em diversos espaços de engajamento na Igreja, não privilegiando apenas um deles.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; IECLB; jornal.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. IECLB.....	09
2.1. Formação da IECLB.....	09
2.2. Jorev – Jornal Evangélico Luterano.....	10
2.3. <i>Gente Luterana</i>	14
2.4. Mulheres na IECLB.....	16
3. GÊNERO.....	23
4. METODOLOGIA.....	34
5. ANÁLISE DAS EDIÇÕES DA SEÇÃO <i>GENTE LUTERANA</i>	38
5.1. Análise da edição de jun./jul. de 2005.....	38
5.2. Análise da edição de ago./set. de 2005.....	39
5.3. Análise da edição de out./nov. de 2005.....	41
5.4. Análise da edição de dez. de 2005/jan. de 2006.....	42
5.5. Análise da edição de fev./mar. de 2006.....	44
5.6. Análise da edição de abr./maio de 2006.....	46
5.7. Análise da edição de jun./jul. de 2006.....	47
5.8. Análise geral.....	49
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	54
ANEXOS.....	56

1. INTRODUÇÃO

Os estudos de gênero, particularmente desde o final do século XX, constituem-se num importante enfoque teórico para estudos científicos de diversas naturezas, especialmente no âmbito das ciências sociais e humanas. O campo da comunicação beneficia-se de maneira especial pelo enfoque de gênero. Este permite que se avaliem os conteúdos dos veículos de comunicação sob uma perspectiva que desvenda concepções e conceitos arraigados na sociedade, os quais os veículos de comunicação acabam, inevitavelmente, refletindo.

Este trabalho se propõe a investigar o conteúdo de um veículo de comunicação sob o enfoque dos estudos de gênero. Mais especificamente, seu objetivo é investigar como as mulheres são representadas no Jornal Evangélico Luterano – o Jorev, pertencente à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IECLB –, em uma de suas seções, a *Gente Luterana*. O conteúdo e o veículo foram escolhidos pela proximidade com a vida mesma da pesquisadora – ela própria, uma mulher luterana.

Para realizar o objetivo do trabalho, serão analisadas as edições da seção *Gente Luterana* de junho/julho de 2005 a junho/julho de 2006, perfazendo um ano de Jorev, num total de sete exemplares. Nessa análise, serão considerados, além do enfoque de gênero, a trajetória e os objetivos do jornal, a participação e a condição femininas na IECLB e uma visão de como as mulheres são retratadas na imprensa escrita.

Para dar conta desses enfoques e da análise proposta, o trabalho se divide em quatro partes principais.

Na primeira, são descritos a IECLB e o Jorev, a seção *Gente Luterana* e a participação das mulheres na Igreja. De acordo com Ricardo Fiegenbaum (2006), o Jorev é o principal jornal da IECLB. Foi criado no início da década de 1970, no contexto da unificação da Igreja, e os objetivos propostos para o periódico por parte da Igreja refletem as necessidades desta naquele contexto. Alguns desses objetivos têm lugar na seção *Gente Luterana*, a qual “busca retratar pessoas da IECLB que fazem a diferença” (JOREV, out./nov. 2005, p. 16). A participação das mulheres na IECLB é caracterizada em relação a dois grupos que promovem a condição feminina na Igreja de maneiras diferentes, e até mesmo opostas – a OASE (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas) e o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana.

A segunda parte do trabalho apresenta conceitos e noções sobre o gênero a partir, principalmente, de duas renomadas autoras desta área de estudos – Joan W. Scott e Teresa de Lauretis. Também é apresentada uma visão de como as mulheres são normalmente representadas nos jornais.

A terceira parte consiste na apresentação da metodologia a ser utilizada na análise dos exemplares da seção *Gente Luterana* constituintes do *corpus* de pesquisa. Tal metodologia é a análise de conteúdo, a qual permite a investigação e interpretação, através da inferência, dos significados latentes de conteúdos manifestos da comunicação.

Por fim, a quarta parte do trabalho é a análise propriamente dita, dividida em análises individuais de cada edição da *Gente Luterana* e em uma análise geral do conjunto do *corpus*. Nesta etapa é que se procura cumprir mais diretamente o objetivo proposto para a pesquisa, buscando perceber as relações entre o objeto de análise e os enfoques teóricos caracterizados nas duas primeiras partes do trabalho.

Destaco ainda que todos os exemplares da seção *Gente Luterana* analisados estão reproduzidos em anexo. Também estão em anexo uma entrevista com a jornalista Susanne Buchweitz (responsável pelo Jorev à época da criação da *Gente Luterana*) e uma breve explicação esquematizada a respeito da estrutura e dos principais cargos da IECLB.

2. IECLB

2.1 Formação da IECLB

Para fazer uma descrição resumida da formação da IECLB, utilizarei como fonte o site da instituição na internet (www.luteranos.com.br).

De acordo com este, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, “com sede em Porto Alegre-RS, tem sua origem no movimento [da] reforma da igreja no século 16 do qual **Martim Lutero** foi um grande protagonista” (QUEM SOMOS¹). Martim Lutero, originalmente um monge agostiniano alemão, publicou 95 teses, em 1517, nas quais pregou reformas na Igreja Católica. Suas idéias não foram aceitas, e ele foi excomungado. Suas teses, no entanto, encontraram vários simpatizantes, e suas idéias foram propagadas rapidamente, desencadeando movimentos reformadores em outros países europeus, além da Alemanha, entre eles a França e a Suíça. O site ressalta que, “por causa da liderança de Lutero e também pelo fato de a sua pessoa ser o centro das tensões e dos conflitos com a Igreja Católica, as pessoas simpáticas e seguidoras do movimento começaram a ser chamadas de ‘luteranas’” (LUTERANISMO²).

O luteranismo chegou ao Brasil em 1824, com os imigrantes alemães, que se estabeleceram principalmente nos três estados do Sul, e também, em grupos menores, nos da região sudeste. Logo formaram comunidades, as quais estiveram, porém, muito abandonadas nos primeiros 40 anos, conforme o site, organizando-se sem muitas formalidades e escolhendo entre si as pessoas para exercerem o ministério pastoral, já que não havia pastores. Esta situação mudou a partir de 1864, quando começa a chegada regular de pastores da Alemanha. No final do século XIX, os luteranos sentiram a necessidade de uma maior articulação entre as comunidades espalhadas pelas regiões sul e sudeste do país. Às organizações regionalizadas de comunidades deu-se o nome de sínodos. Em 1886, foi formado o Sínodo Rio-Grandense, em 1905, o Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados da América do Sul, e, em 1912, o Sínodo Evangélico do Brasil Central. O site também destaca a formação, em 1904, do Distrito Eclesiástico do Sínodo Missouri, a partir de pastores enviados dos Estados Unidos, do qual se originou a IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil), a outra igreja luterana brasileira, além da IECLB.

¹ <http://www.luteranos.com.br/articles/8347/1/Quem-Somos/1.html>

² <http://www.luteranos.com.br/categories/Quem-Somos/Nossa-Hist%F3ria/Luteranismo/>

No período das duas guerras mundiais, o trabalho nas comunidades e nos sínodos foi dificultado. Até então, a maior parte do serviço religioso era feita em alemão, língua que ficou proibida no Brasil durante a II Guerra. O site relata que “os Sínodos procuraram ser porta-vozes dos interesses das comunidades frente às autoridades brasileiras. A II Guerra Mundial e os seus desdobramentos serão decisivos para uma articulação mais estreita entre os sínodos com vistas a uma integração nacional” (FORMAÇÃO DOS SÍNODOS³). Uma das conseqüências das dificuldades enfrentadas pelas comunidades e sínodos luteranos nas guerras foi a criação, em 1946, da Faculdade de Teologia, em São Leopoldo, RS, que depois viria a se chamar EST (Escola Superior de Teologia), para a formação de pastores. Até o período das guerras, os pastores eram enviados da Alemanha. As negociações entre os sínodos para a criação da faculdade acabaram por aproximá-los, e resultaram na instituição da Federação Sinodal, em 1949. A Federação realizou seu primeiro Concílio Eclesiástico em 1950. Quatro anos mais tarde, no segundo Concílio, a Federação “foi cognominada de ‘Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil’. Em 1962, no IV Concílio Eclesiástico, a expressão ‘Federação Sinodal’ é suprimida, permanecendo apenas Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil” (FEDERAÇÃO SINODAL⁴). Em 1968, um Concílio Geral Extraordinário promoveu a fusão total dos sínodos, que até então haviam mantido sua independência jurídica e administrativa, em um corpo eclesiástico único.

A IECLB continua usando a denominação “sínodo” para se referir às suas unidades descentralizadas (conjuntos de comunidades e paróquias numa área geográfica determinada). Atualmente, segundo o site, existem 18 sínodos espalhados por todas as regiões brasileiras, congregando cerca de 1.800 comunidades e 700 mil luteranos.

2.2 Jorev – Jornal Evangélico Luterano

Para fazer uma breve caracterização do Jorev, utilizarei a dissertação de mestrado de Ricardo Zimmermann Fiegenbaum (2006), “Midiatização do campo religioso e processos de produção de sentido. Análise de um conflito anunciado: o caso do Jornal Evangélico da IECLB”.

³ <http://www.luteranos.com.br/categories/Quem-Somos/Nossa-Hist%F3ria/Presen%E7a-no-Brasil/Forma%E7%E3o-dos-S%EDnodos/>

⁴ <http://www.luteranos.com.br/categories/Quem-Somos/Nossa-Hist%F3ria/Presen%E7a-no-Brasil/Federa%E7%E3o-Sinodal/>

Fiegenbaum constrói um esboço do pensamento comunicacional das igrejas protestantes históricas a partir da exploração dos sites na internet de algumas delas (luteranas – IECLB e IELB, metodista, presbiterianas – Unida, do Brasil e Independente, e episcopal anglicana). A partir desta exploração, o autor constata que

[...] as igrejas protestantes, que representam uma muito pequena parte da população brasileira, desenvolveram projetos de comunicação muito mais para seu consumo interno, imprimindo jornais confessionais e produzindo programas radiofônicos, do que estiveram empenhadas em marcar presença nos *mass média* (sic) em cenários mais amplos. Suas práticas de comunicação estão voltadas mais para a articulação a partir e em função de suas bases – os próprios sites o são – do que para a sociedade em geral, embora considerem que seus meios de comunicação também podem ter um alcance missionário. Além disso, sustentam que os meios de comunicação devem estar a *serviço* da igreja. Em geral, as práticas de comunicação das igrejas, segundo as informações apuradas, definem-se pelo tripé *serviço-unidade-testemunho*. Os meios de comunicação são, assim, instrumentos a serviço da igreja para promover a sua unidade e para difundir o seu testemunho do evangelho, o que implica dizer que a *função* dos meios é promover *vínculo* e *visibilidade* (FIEGENBAUM, 2006, p. 25-26).

Esta descrição do pensamento comunicacional das igrejas protestantes se aplica perfeitamente ao Jorev e à função que teve quando de sua criação. O jornal foi criado no início da década de 1970 (a primeira edição é de 15 de novembro de 1971), portanto no contexto da formação da própria IECLB. Nesta época, como coloca Fiegenbaum,

[...] estava em jogo na IECLB a articulação da igreja em torno de uma unidade estrutural, a qual requeria uma centralização discursiva. O Jorev era a materialização do desejo da igreja de que, por meio de um jornal, se viesse a *constituir os vínculos*, que congregariam numa só família leitores de todas as comunidades. Além disso, o jornal deveria atuar no *fortalecimento da unidade* da igreja e *conquistar simpatizantes* fora do âmbito da própria igreja. A criação de um jornal eclesial de abrangência nacional com a finalidade de promover *vínculo*, *unidade* e *conquista* surge no contexto de uma nova realidade eclesial. A lógica é que a constituição de uma unidade eclesial centralizada, com a formação da IECLB, em 1968, exigiria uma nova estratégia de comunicação, adequada à necessidade de consolidação desta nova estrutura de igreja (FIEGENBAUM, 2006, p. 111).

O Jornal Evangélico, de abrangência nacional, surgiu da fusão de dois jornais regionais, a *Folha Dominical*, do Rio Grande do Sul, e a *Voz do Evangelho*, de Santa Catarina, os quais, por sua vez, foram originados de publicações de cunho luterano do século XIX dos respectivos estados. Fiegenbaum destaca que, já em sua origem, o Jorev foi marcado por conflitos – neste caso, entre os dois jornais estaduais, que tinham diferenças regionais e ideológicas. Diferenças que o Jorev tentaria apagar, mas que iriam persistir como pano de fundo, como afirma o autor: “Na fusão dos dois jornais em favor de um jornal nacional, fundem-se, na verdade, dois processos de midiatização, que não se reconciliam no novo jornal

e tendem, em verdade, a radicalizar suas posições” (FIEGENBAUM, 2006, p. 108). O processo de fusão das duas publicações no Jorev levou cerca de dois anos, marcados por negociações, disputas de poder e conciliação de interesses diferentes (FIEGENBAUM, 2006).

Uma das negociações a serem feitas era o nome da nova publicação, o qual acabou por ser indicado pelos leitores dos dois jornais regionais, que escolheram *Jornal Evangélico*. O Jorev só adicionou o *Luterano* ao nome no início de 1998. Em relação à escolha do nome, Fiegenbaum observa que

[...] ao ser denominado de *Jornal Evangélico*, o novo periódico parece estabelecer a partir do próprio nome a dicotômica relação entre o campo religioso e o campo midiático, como duas forças simbólicas com igual poder de atratividade e repulsão, o que certamente é menos evidente em *Folha Dominical* e praticamente inexistente em *Voz do Evangelho*, periódicos cujo acento nominal está mais no eclesiástico do que no jornalístico. Ao explicitar no nome tratar-se de um *jornal*, o Jorev afirma a sua identidade como periódico jornalístico, cuja característica dominante é a produção de um discurso jornalístico e não o discurso religioso. Por outro lado, ao qualificar-se *evangélico*, o Jorev estabelece seu vínculo com o campo religioso, sendo implicado por ele para realizar certas estratégias de midiatização da Igreja (FIEGENBAUM, 2006, p. 149).

Fiegenbaum afirma que o jornal é marcado por conflitos, tanto entre o campo religioso e o campo midiático (daí o título de sua dissertação) quanto pelos conflitos do interior do campo religioso, que são refletidos no periódico (como os conflitos entre as duas orientações dos jornais regionais que o originaram, entre outros). Esses conflitos, presentes desde sua origem, vão se agravar ao longo do tempo, culminando com uma mudança de rumo que divide a existência do Jorev em duas fases, como ressalta Fiegenbaum:

[...] identifiquei dois períodos distintos que dizem respeito ao tipo de vínculo e gestão do *Jornal Evangélico* em relação à Igreja. De 1971 a 1991, o Jorev, embora instituído pela IECLB, foi administrado pela Editora Sinodal, empreendimento ligado à Igreja, mas com autonomia gerencial e orçamentária. A partir de 1992, a editora transfere para a Secretaria Geral e a Presidência da Igreja a gestão do jornal. Esse movimento implica em mudança de endereço e de perfil do próprio dispositivo (FIEGENBAUM, 2006, p. 137).

O autor salienta que os primeiros anos do Jorev foram de afirmação de seu papel e que ele “entendeu-se mais como a voz das comunidades do que como porta-voz da cúpula da igreja” (FIEGENBAUM, 2006, p. 129). A escolha desse “lado”, o das comunidades, fez com que, nessa primeira fase, o jornal fizesse críticas abertas à igreja, o que não era, obviamente, o objetivo da IECLB ao criar o Jorev. Essa postura mais independente acabou por gerar atritos entre o corpo jornalístico e o religioso, atritos que transparecem nos textos do jornal e nas

comunicações internas entre a cúpula da igreja e entre esta e o jornal (textos que Fiegenbaum analisa em sua dissertação).

Aos atritos com a cúpula da igreja somou-se a crise econômica da década de 1980, que também atingiu o Jorev. Em 1989, como observa Fiegenbaum, o logotipo do Jorev passou a ter o emblema da IECLB (antes não tinha), medida que teve por objetivo identificar a publicação diretamente com a IECLB e deixar claro que o jornal era de toda a igreja. O autor enfatiza que essa ação de identificação e aproximação do jornal com a igreja foi levada definitivamente a cabo em 1992, quando o Jorev deixou a Editora Sinodal, em São Leopoldo, e passou para a sede da igreja, em Porto Alegre. Isso, segundo o autor, foi mais do que uma mudança de endereço: “implica numa transformação do processo de interação entre o jornal e a igreja, que o aproxima do corpo diretivo eclesiástico na mesma proporção em que o distancia da base comunitária da qual até então retirara a razão de sua existência” (FIEGENBAUM, 2006, p. 133-34). Fiegenbaum afirma que o Jorev passa, então,

[...] a ser um dispositivo mais próximo do que se poderia chamar de *jornal-órgão*, ou seja, o jornal deixa de ser um dispositivo de comunidade que mantinha certa autonomia e distância crítica em relação à direção da instituição igreja, gerando, portanto, certo tipo de conflitualidade, para transmutar-se em jornal oficial, portavoz da administração eclesiástica para as comunidades [...] (FIEGENBAUM, 2006, p. 138).

Como se pode ver por esta breve caracterização do Jorev, meu *corpus* de pesquisa faz parte da segunda fase do jornal, condição que guiará minhas análises. Outra condição que levarei em conta (e que não deixa de ser um reflexo do Jorev como “jornal-órgão”) é que, a partir de 2004, o Jorev passou a ser oficialmente voltado mais para as lideranças comunitárias do que para o leitor em geral, segundo informações do administrador e da jornalista responsável pelo Jorev à época em que fiz o anteprojeto para esta monografia (início de 2006) e como também se pode ver na entrevista com a jornalista Susanne Buchweitz (entrevista no anexo A), responsável pelo periódico quando a seção *Gente Luterana* começou.

Gostaria, por último, de caracterizar o Jorev em termos de periodicidade, venda por assinatura e tiragem.

A periodicidade variou ao longo de sua existência, segundo Fiegenbaum. Durante a maior parte de sua existência, de 1971 a 1991, circulou duas vezes por mês. Quando da mudança de orientação exposta anteriormente, mudou também de periodicidade, passando a circular aproximadamente de três em três semanas, conforme o autor. No final da década de 1990, passou a ser mensal e, quando Fiegenbaum escreveu sua dissertação (2005), circulava a

cada dois meses. Os exemplares constituintes de meu *corpus* têm essa última periodicidade. A partir de agosto de 2006, o Jorev voltou a ser mensal.

Se a periodicidade variou, a forma de venda do jornal, não. Conforme Fiegenbaum:

Desde a sua criação até hoje, o Jorev tem a sua colocação totalmente à base de assinaturas, seja através de assinaturas individuais ou de agentes de assinatura coletiva, o que caracteriza uma forma de acesso simbólica do leitor ao seu jornal, estabelecida por meio de um contrato de compra e venda, da ordem, portanto, da economia. Estes assinantes foram, inicialmente, assinantes dos jornais regionais fusionados. Embora seja um jornal instituído pela igreja, o Jorev necessita auto-sustentar-se mediante a conquista de novos assinantes, pelo esforço de manutenção dos que já são assinantes e por meio da comercialização de espaços de publicidade. A leitura do jornal, portanto, é um ato de compra, que tem implicações sobre as estratégias do jornal. Assim, além de servir para informar, o dispositivo também necessita ser vendável. É por isso que a questão de ser agradável ao leitor é freqüentemente colocada em pauta [...] (FIEGENBAUM, 2006, p. 161-62).

Este último aspecto, da busca de fazer um jornal agradável ao leitor, pode ser visto na fala de Susanne Buchweitz, quando conta como surgiu a *Gente Luterana*:

A gente estava, justamente, fazendo várias ações para tornar o jornal mais atraente. Quando eu entrei... acho que foi em 2002 ou 2003... uma das coisas que a gente fez foi olhar a parte gráfica e mudar o design gráfico. E daí, depois disso, foram pensadas várias coisas, de como se poderia melhorar a leitura do jornal; porque ele é vendido, ele é por assinaturas. Então, a *Gente Luterana* surgiu depois de várias pequenas mudanças na parte editorial (entrevista no anexo A).

Quanto à tiragem do jornal, Fiegenbaum aponta que o Jorev começou com 22 mil exemplares, em 1971 e 1972, tendo herdado dez mil assinantes da *Folha Dominical* e oito mil da *Voz do Evangelho*. O número foi decaindo ano após ano, até chegar a pouco mais de oito mil exemplares, em 1991. Em 2005, o autor afirma que o periódico circulava “para cerca de quatro mil assinantes em todo o Brasil, sendo a população total de membros da IECLB, pouco mais de setecentos (sic) mil pessoas” (FIEGENBAUM, 2006, p. 162).

Conforme informações do administrador do Jorev, fornecidas no começo deste ano, hoje em dia a tiragem do jornal é de cerca de cinco mil exemplares, divididos entre assinaturas (3,5 mil) e exemplares distribuídos gratuitamente às comunidades (1,5 mil).

Por fim, observo que todos os exemplares constituintes do *corpus* têm 16 páginas.

Passo, a seguir, a uma breve caracterização da seção *Gente Luterana*, usando como base a entrevista concedida por Susanne Buchweitz (como mencionado anteriormente, jornalista responsável pelo Jorev quando da criação da seção), reproduzida na íntegra em anexo.

2.3 *Gente Luterana*

A *Gente Luterana*, que existe desde a edição de junho/julho de 2005, fica na contracapa do Jorev. Mostra sempre dois perfis, de uma mulher e de um homem que estejam engajados de alguma forma e/ou sejam lideranças na Igreja. A seção começou sem nenhum aviso aos leitores nas edições anteriores do jornal. A partir da terceira edição com a *Gente Luterana*, aparece um box explicando que o espaço busca “retratar pessoas da IECLB que fazem a diferença” (JOREV, Porto Alegre, out./nov. 2005, p. 16) e pedindo que os leitores indiquem sugestões de pessoas que poderiam ser perfiladas (ver reprodução das edições da *Gente Luterana* em anexo). Duas edições depois, o box foi substituído por um pequeno texto introdutório aos perfis, que explica rapidamente quem são as pessoas retratadas e/ou exalta suas qualidades, e não mais pede aos leitores que dêem sugestões de nomes. Esse texto introdutório persiste no restante das edições constituintes do *corpus* de pesquisa.

Desde a sua segunda edição, os perfis da *Gente Luterana* têm um “olho”, com uma frase que, de acordo com Susanne Buchweitz, chame “atenção para o fato de ser possível ser liderança, de que não é tão complicado, ou coisas que emocionavam as pessoas – e que me emocionavam muito também” (entrevista no anexo A).

De acordo com a jornalista, a idéia de fazer a seção surgiu num contexto de mudanças no jornal, que buscaram torná-lo mais atraente para os leitores e pensá-lo como uma “ferramenta de trabalho”. O objetivo da seção era “retratar pessoas, lideranças da Igreja Luterana e que fossem leitores do jornal também, que conhecessem o jornal” (entrevista no anexo A). Usou-se como base para a decisão de criar a seção pesquisas com os leitores do jornal e os dados e impressões coletados pela jornalista Caroline Strüssmann (assessora de comunicação da Secretaria Geral e da Presidência da IECLB, e que depois viria a ser também jornalista responsável pelo Jorev) junto a membros da diretoria da Igreja.

A idéia de colocar sempre um homem e uma mulher como perfilados, segundo Susanne Buchweitz, era uma tentativa de promover uma igualdade de gênero que não existe na Igreja:

[...] eu acho que foi muito consciente de que sempre teria que se ter uma mulher, mas também um homem, para justamente estar tentando fazer alguma coisa em termos de igualdade de gênero, ainda que, na Igreja, não exista essa igualdade de gênero, e a gente sabe disso. Daí, a gente achou que esse *Gente Luterana*, trazendo vários exemplos de mulheres, ao lado de homens, mas de mulheres não só da OASE [Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas], também de outros grupos, poderia, de alguma forma... uma coisa meio de sonho, assim, estar incentivando, e mostrando para as mulheres que elas estão lado a lado [aos homens], ou que elas poderiam estar lado a lado... neste espaço que não existe ainda na Igreja. Seria uma coisa assim, um sonho de futuro de ser 50%-50% (entrevista no anexo A).

A escolha das mulheres e dos homens a serem perfilados era feita pelas jornalistas a partir de pessoas que elas conheciam na Igreja e a partir de sugestões de lideranças, como da OASE, por exemplo. Os aspectos destacados da vida dos perfilados eram, segundo Susanne Buchwetiz, família, vida, engajamento com a Igreja, a conciliação do tempo de trabalho profissional e de trabalho para a Igreja, e, para as mulheres, “o que significava ser mulher e ser liderança na Igreja, o que poderia dizer para outras mulheres” (entrevista no anexo A).

Após essa rápida descrição da seção *Gente Luterana*, passo a uma caracterização da posição das mulheres na IECLB.

2.4 Mulheres na IECLB

Para fazer uma breve caracterização da mulher na IECLB, em termos de alguns de seus espaços de atuação e engajamento na Igreja, utilizarei como fonte principal a tese de doutorado de Gabriele dos Anjos (2005), “‘Mulheres todas santas’: participação de mulheres em organizações religiosas e definições de condição feminina em igrejas cristãs no Rio Grande do Sul”.

As igrejas cristãs mencionadas no título são a IECLB e a Igreja Católica. Com relação à IECLB, a autora analisa o engajamento de mulheres em dois grupos, o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana e a OASE (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas), e as definições distintas e concorrentes que esses grupos têm da condição feminina na Igreja. Gabriele dos Anjos afirma: “De forma geral, a oposição entre ‘feministas’, identificadas com as pastoras [participantes do Fórum], e ‘femininas’ da OASE conforma a clivagem entre as definições dos problemas da condição feminina nesta Igreja, em especial àqueles relativos à participação da mulher nesta” (ANJOS, 2005, p. 404).

A autora começa por caracterizar o CMI (Conselho Mundial de Igrejas) como um importante espaço promotor de discussões acerca da condição feminina em suas igrejas-membro, em relação a questões como violência contra a mulher, direitos familiares e reprodutivos, ordenação de mulheres, sexismo nas igrejas, entre outras. Essas discussões e reivindicações, postas em evidência no CMI especialmente nas décadas de 70 e 80, culminaram na proposição por parte desse Conselho da *Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com a Mulher*, que aconteceu de 1988 a 1998 e procurou promover aquelas discussões e reivindicações nas igrejas-membro. De acordo com Sybila Baeske (2001), o CMI foi criado em 1948 e, atualmente, estão filiadas a ele 330 igrejas, denominações e

congregações, representando cerca de 400 milhões de cristãos, em 100 países de todos os continentes. Baeske afirma que o Conselho é uma comunhão de igrejas cristãs cujo objetivo é

[...] servir à unidade da Igreja cristã e promovê-la, incentivando seus membros a comprometer-se com o evangelho. Integram o CMI as igrejas ortodoxas e muitas do protestantismo histórico, como anglicanos, batistas, luteranos, metodistas e presbiterianos. A Igreja Católica Apostólica Romana não é filiada ao Conselho, mas vem cooperando estreitamente com ele [...] (BAESKE, 2001, p. 14).

Ainda segundo Baeske, quem promoveu a *Década* no Brasil foi o CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs). Fundado em 1982, o CONIC é integrado por sete igrejas: Católica Apostólica Romana, Cristã Reformada do Brasil, Episcopal Anglicana do Brasil, Metodista, Ortodoxa Siriana, Presbiteriana Unida e a IECLB (BAESKE, 2001).

Gabriele dos Anjos considera que a *Década* foi um espaço delimitado e consentido para a discussão dos problemas da mulher na Igreja: “A *Década* foi o compromisso possível entre um ecumenismo de cúpula, masculino e intelectualizado, que o implementou, e as pautas estabelecidas no CMI relativamente às mulheres nas décadas de 70 e 80” (ANJOS, 2005, p. 147). A autora observa que as formas de mobilização e as maneiras de conduzir as pautas da *Década*

[...] significam não tanto a tentativa de imposição de “mudanças concretas” na Igreja, mas o fomento do trabalho das mulheres – leigas e profissionais – em nome da mulher na Igreja, numa lógica na qual “o objetivo da caminhada é caminhar”. É por isso que tanto se evitavam as polêmicas entre as mulheres da coordenação e ao mesmo tempo se reconheceu que o trabalho da *Década* não resolveu os problemas da mulher na Igreja, o que enseja a recomendação de que “o trabalho deve continuar” [...] (ANJOS, 2005, p. 154).

Gabriele dos Anjos afirma que organismos internacionais como o CMI e a FLM (Federação Luterana Mundial – à qual a Igreja é filiada) exercem influência na IECLB com relação à problemática da condição feminina na igreja, entre outros assuntos. A autora destaca que a grande difusora das pautas feministas na IECLB é a EST (Escola Superior de Teologia), uma das instituições centrais da Igreja, que

[...] congrega uma rede de pastores e teólogos ligados a tendências e discussões “de ponta” ou inovadoras e que fomenta a ligação da EST a centros teológicos internacionais [...] A mediação de inovações teológicas representada pela apropriação da teologia feminista é uma das modalidades desta ligação. [...] Além disso, dadas as concepções de conhecimento erudito vigentes nesta igreja – de indissociabilidade entre conhecimento e seus usos (CORADINI, 2004)⁵ –, é possível a simultânea apropriação da teologia feminista como “referencial teórico” e “ideologia” que justifica reivindicações profissionais. No entanto, mais do que o uso do saber teológico, o que se tem é uma atuação de mulheres formadas em

⁵ CORADINI, Odaci Luiz. **O Ensino Universitário de Teologia, as Relações Centro/Periferia e os Usos das Ciências Humanas e Sociais**. Porto Alegre, 2004, 43p. Relatório de pesquisa.

teologia e ligadas à EST, como representantes da “luta das mulheres na IECLB” por mais “espaços” profissionais (ANJOS, 2005, p. 324).

Essa “luta das mulheres na IECLB por mais espaços profissionais” faz sentido na medida em que se percebe que o pastorado ainda é uma profissão muito masculinizada, assim como parte dos demais espaços profissionais na IECLB. Tomo como base para essa afirmação dados fornecidos pela secretária do Banco de Dados da Secretaria Geral da IECLB acerca da participação feminina em alguns cargos ou funções da Igreja, os quais estão brevemente caracterizados no anexo B. Exponho estes dados aqui, como mais um elemento que ajuda a esboçar a participação das mulheres na Igreja. Começando pelo pastorado, dos 717 pastores ativos, apenas 135 são mulheres. Nos demais ministérios ordenados, as mulheres são maioria em dois: são 57 dos 73 catequistas e 85 dos 108 obreiros diaconais. Já entre os 21 missionários, há somente oito mulheres. Dos 18 pastores sinodais, apenas um é mulher. Na Secretaria Geral, as mulheres ocupam quatro dos nove cargos mais importantes. A atual presidente do Concílio é mulher, mas no Conselho da Igreja (23 membros) e na Diretoria do Conselho (quatro membros), não há participação feminina. Assim como no cargo de presidente da IECLB, o qual sempre foi ocupado por homens, desde a sua criação. Como se pode ver por esta pequena amostra, a participação das mulheres em cargos decisórios e de prestígio na Igreja existe, mas é menor que a dos homens.

Voltando à EST, Gabriele dos Anjos relata que a apropriação da teologia feminista se deu na instituição nas décadas de 80 e início de 90, a partir do Grupo de Mulheres, formado por alunas da graduação em teologia. Este grupo foi responsável pela implementação de uma cátedra de teologia feminista e de uma disciplina de teologia feminista obrigatória na graduação. Nos anos 90 surgiu também o Núcleo de Pesquisa de Gênero (NPG) do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da EST, ao qual se vinculam teólogas, mestrandas e doutorandas em teologia, algumas das quais atuam como pastoras.

São estas mesmas teólogas e pastoras, juntamente com outras obreiras e mulheres leigas, que formam o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, como esclarece Gabriele dos Anjos:

São pastoras e teólogas de orientação feminista, que participam de instâncias escolares da Igreja e que vêem no *Fórum* um espaço de reivindicações quanto aos problemas de mulheres e também de atuação profissional. São também leigas cuja liderança na Igreja pode ou não ter como origem a participação da OASE, mas que contam também com a disposição de outros recursos, notadamente o contato com outros tipos de organizações de mulheres. Elas claramente absorvem as novas problemáticas relativamente às mulheres (saúde, violência contra a mulher, etc.) e se propõem a estender seu espaço de atuação “para fora da Igreja”, o que as aproxima do tipo de liderança proposto pelo CMI (ANJOS, 2005, p. 328).

A postura e as reivindicações desses grupos de orientação feminista, como o Fórum e o NPG, não são compartilhadas pelas lideranças da OASE, como ressalta a autora: “A OASE se contrapõe à definição mais contestadora e reivindicativa de participação da mulher na Igreja, promovida por pastoras e teólogas feministas que não se afinam com a ‘tradição’ que a OASE representa” (ANJOS, 2005, p. 327).

Gabriele dos Anjos relata que a OASE se apresenta como a maior e mais antiga organização de mulheres da Igreja. Fundada em 1899, sua história está ligada à própria história da formação da IECLB:

A história da OASE acompanha o trabalho de unificação das comunidades luteranas em torno de uma estrutura eclesiástica, o qual deu origem à IECLB (BAESKE, 1999, p. 11-65)⁶. A OASE agrega cerca de trinta e nove mil mulheres, com mil e duzentos grupos organizados (BAESKE, 1999, p. 8) em 17 sínodos da Igreja. Propõe uma gama de atividades e definições de problemas femininos que vão da manutenção financeira das “obras” da comunidade e de seus prédios, filantropia religiosa a hospitais, creches, Igreja e escolas, entidades de auxílio a mulheres e crianças, ao mesmo tempo que (sic) se volta para a manutenção dos valores cristãos relativos à família e à “promoção da mulher” (BAESKE, 1999, p. 89-155) (ANJOS, 2005, p. 400-401).

A autora observa que a divisão do trabalho religioso que a OASE põe em prática dá à mulher a tarefa da manutenção física da Igreja e do conforto físico proporcionado aos membros, através de trabalhos variados (tricôs, bordados, organização de chás beneficentes, etc.) que disponibilizam dinheiro para os pequenos e grandes reparos da Igreja.

Estes pequenos trabalhos ou trabalhos manuais destinados à manutenção física da Igreja colocam as mulheres ao lado do fazer e do conservar: são as “abelhinhas” [em nota, a autora diz que esta é uma denominação dada às mulheres da OASE por elas mesmas]. Enquanto isto, os homens planejam as obras de prédios e salões e ditam os objetivos dos trabalhos das mulheres (ANJOS, 2005, p. 367).

Gabriele dos Anjos também destaca que a OASE pode ser definida como um exercício de sociabilidade feminina, e que esta definição

[...] está ligada principalmente ao formato de suas reuniões – em que sempre há um momento ou dia de refeição comum, o chá com bolos ou salgadinhos – e um de seus “eventos símbolo”, o chá oferecido no âmbito da paróquia ou comunidade, para o qual se vendem convites e cujos ganhos são destinados à Igreja ou suas obras. A observação de algumas reuniões e chás da OASE [...] permite concluir que a sociabilidade na OASE está ligada ao exercício de atribuições tidas como femininas, como a manutenção de laços pela troca de afeto e cuidados mútuos. A valorização das habilidades com linha e agulha, dos saberes culinários, confere feminilidade a esta sociabilidade (ANJOS, 2005, p. 376).

⁶ BAESKE, Sibyla (org.). **Retalhos no tempo**: 100 anos da OASE. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

Além disso, segundo a autora, a OASE tem a imagem de local de mulheres mais velhas, o que se justifica pela faixa etária de suas participantes – cerca de metade tem mais de 54 anos (ANJOS, 2005). Assim, os espaços de exercício da sociabilidade feminina, de trabalhos manuais que ajudam a manter financeiramente a Igreja e de a participação de mulheres mais velhas “compõem as principais marcas da OASE que podem ser positivadas como tradição e força: a ‘OASE faz’” (ANJOS, 2005, p. 381).

Porém, a essa imagem da OASE mais fechada em si e nos problemas da Igreja, se contrapõe outra, mais “moderna”, aberta aos problemas sociais em geral, inclusive os femininos:

São as líderes que promovem a imagem de uma OASE também voltada ao conhecimento dos problemas da sociedade e os que afetam as mulheres. Uma OASE que “promove” a mulher em cursos e seminários para a formação de lideranças. Esta imagem em parte é resposta às críticas feitas à OASE pelos setores ligados à Teologia da Libertação [à qual a teologia feminista está ligada], para os quais a OASE eminentemente “a-política” não se preocupa com os “problemas sociais”, sendo um espaço onde as mulheres, ao invés de “se conscientizarem” e “refletirem sobre os problemas sociais” são “exploradas” pela Igreja e “reproduzem o sistema patriarcal” (BECKER, 1998)⁷ (ANJOS, 2005, p. 382).

Gabriele dos Anjos afirma, no entanto, que nem essa concepção mais moderna de OASE, nem a mais tradicional, negam “o já estabelecido quanto à condição feminina ou mesmo à sociedade, e a OASE moderna é, tanto quanto aquela das atribuições tradicionais, dos bordados, do chá e da manutenção física da Igreja, uma forma de afirmá-las” (ANJOS, 2005, p. 385).

Como se pode ver, OASE e feministas realmente não compartilham das mesmas noções acerca da condição feminina na Igreja. A autora ressalta: “O ‘feminino’ e o ‘feminismo’ são os signos para estas mulheres da participação que se quer e da que não se quer, bem como das formas de obtê-la” (ANJOS, 2005, p. 405).

Foi inclusive esta diferença de posições que culminou na criação do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, na década de 90. Gabriele dos Anjos informa que, no início daquela década, o CMI e a FLM incentivaram a criação de uma Secretaria da Mulher na IECLB. A OASE participou, juntamente com outros grupos de mulheres da Igreja, das discussões para a criação da Secretaria, só que acabou por se retirar delas. Com a falta de apoio da maior e mais antiga organização de mulheres da IECLB, a criação da Secretaria não

⁷ BECKER, Lauri. **Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas – OASE**: a mulher buscando o espaço que lhe foi negado na sociedade e na Igreja. Um caminho para a conscientização e libertação da mulher. São Leopoldo, 1988. Trabalho de Conclusão do curso de Teologia.

foi possível, e as mulheres de viés feminista que participavam da discussão criaram o Fórum, do qual a OASE decidiu também não tomar parte.

Ou seja, o Fórum já foi criado como uma contraposição à OASE, como se pode ver pelo depoimento de uma das fundadoras do Fórum, relatado por Gabriele dos Anjos, dizendo que ele foi pensado como “um espaço diferenciado do espaço da OASE, onde mulheres jovens e profissionais liberais também pudessem ter um lugar pra falar suas coisas, suas angústias, suas preocupações, seu cotidiano enfim, que não fosse um lugar só de chazinho e de bordado” (ANJOS, 2005, p. 409).

A esse espaço de reflexão e de representação da mulher luterana se opõe o trabalho prático da OASE: “Os repertórios de ação do Fórum, os encontros para discussões, permitem qualificá-lo negativamente em oposição à OASE, como setor que só fala, enquanto que a ‘OASE não fala, mas faz’, ou ‘fala e faz’” (ANJOS, 2005, p. 413). A OASE teria, ainda, a vantagem de trazer dinheiro para a Igreja, já que todo o seu trabalho é voluntário, enquanto que o Fórum seria mais uma estrutura para onerá-la. Porém, “ao trabalho abnegado e gratuito da OASE, as mulheres do *Fórum* opõem a discriminação das mulheres na Igreja, que quase não ocupam cargos na direção e que não têm uma instância em que ‘podem decidir seus próprios assuntos’”, expõe Gabriele dos Anjos (2005, p. 417).

Diante de tantas oposições, a autora salienta uma semelhança entre as mulheres da OASE e as leigas que participam do Fórum: a crença na idéia da “salvação pela comunidade”. Assim, as leigas vinculadas ao Fórum são

[...] mulheres que não participam da OASE, mas que partilham da representação presente na mesma e difundida entre os fiéis da Igreja que poderia ser chamada de “salvação pela comunidade” – a crença de que a participação na comunidade religiosa, em suas diversas instituições e grupos, como de jovens, de terceira idade, de senhoras, de mulheres, [...] traz aos fiéis as soluções a seus problemas (ANJOS, 2005, p. 421).

Para Gabriele dos Anjos, esses espaços de atuação das mulheres na Igreja seriam formas de esta mantê-las em seu âmbito, mostrando que as mulheres podem se realizar dentro da Igreja e não precisam buscar espaços e ideologias de realização “mundanos”, fora dela.

Esta idéia vai ao encontro do que Maria José Rosado-Nunes (2005) expõe em seu artigo “Gênero e a experiência religiosa das mulheres”. Ao se perguntar por que as mulheres investem na religião, a qual é, muitas vezes, repressiva em relação à condição feminina, a autora chega à conclusão de que a religião se mostra, pelo menos em parte, favorável a elas: “Isto ocorre, porque as mulheres obtêm alguns benefícios de cunho espiritual, é claro, mas também de caráter mais prático. Em outras palavras, as mulheres investem tanto na religião,

porque esta tem sobre elas um efeito positivo” (ROSADO-NUNES, 2005, p. 18). O envolvimento das mulheres na religião estaria relacionado aos espaços sociais que ela oferece para a articulação dos desejos, dos temores e da vida em geral das mulheres (ROSADO-NUNES, 2005).

Assim, podemos considerar que a OASE e o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, dentre outros grupos da IECLB, são exemplos desses espaços em que as mulheres podem articular seus desejos e sua vida e seriam razões possíveis de seu investimento na Igreja e na religião.

Creio que esta exposição desses dois grupos de mulheres, opostos, mas relacionais, consegue dar conta de uma breve caracterização da mulher no âmbito da IECLB, caracterização esta que levarei em conta ao fazer a análise dos perfis das mulheres na *Gente Luterana*. Observarei de que condição e participação femininas na Igreja as perfiladas se aproximam: das promovidas pelo Fórum ou das promovidas pela OASE. E poderei inferir daí também qual é o tipo de engajamento feminino na Igreja mais presente, e portanto destacado, na *Gente Luterana* nos sete exemplares do Jorev constituintes do *corpus* de pesquisa.

3. GÊNERO

Como diz Maria José Rosado-Nunes (2005), hoje em dia é “natural”, de certa forma, levar em conta a perspectiva feminina, ou da mulher. “É a assimilação de idéias e ideais feministas pelos modos contemporâneos de pensar que cria condições para a formulação de questões que até recentemente sequer eram consideradas” (ROSADO-NUNES, 2005, p. 15), completa a autora.

Em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, de fundamental importância para os estudos de gênero, Joan Scott (1995) lembra que foi apenas no final do século XX que se começou a ter uma preocupação teórica com o gênero como categoria analítica (SCOTT, 1995). Segundo a autora, foram as feministas norte-americanas que começaram a usar o termo “gênero” nessa época, em detrimento de termos como “sexo” e “diferença sexual”, querendo com ele enfatizar o caráter fundamentalmente social, e não biológico, das distinções baseadas no sexo. O uso do termo também marcava uma noção relacional na construção das definições do que era feminino: “Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado” (SCOTT, 1995, p. 72). A autora ainda ressalta que, com o uso do termo “gênero”, as feministas tentavam, e ainda tentam, reivindicar um certo “terreno de definição”, “para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens” (SCOTT, 1995, p. 85).

Joan Scott faz, na primeira parte de seu artigo, uma crítica às tentativas dos/as historiadores/as para teorizar o gênero. Aponta que as abordagens por eles utilizadas se dividem em duas categorias: uma, essencialmente descritiva, e a outra, de ordem causal.

Dentro da primeira categoria, Scott destaca três usos do termo “gênero”. No primeiro, “gênero” é utilizado simplesmente como sinônimo de “mulheres”. Substituíram-se termos como “história das mulheres” por termos aparentemente mais neutros como “história de gênero”, como uma forma de buscar legitimidade acadêmica para os estudos feministas, especialmente nos anos 80. “‘Gênero’ parece se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando-se, assim, da política (supostamente ruidosa) do feminismo”, assinala Scott (1995, p. 75). No segundo, o termo é empregado para sublinhar a inclusão do mundo das mulheres no mundo dos homens, para enfatizar que aquele é criado no e pelo mundo masculino. E, no terceiro, com o intuito de indicar “construções culturais” no tocante às relações sociais entre os sexos, no sentido de considerar que a criação de idéias sobre os

papéis adequados aos homens e às mulheres é totalmente social, rejeitando as explicações biológicas (SCOTT, 1995).

A crítica de Joan Scott em relação a essa abordagem descritiva é que os seus usos do termo “gênero” ainda estão muito ligados a “coisas de mulheres”, às áreas que envolvem relações entre os sexos, das quais questões supostamente neutras como a política, a economia e o poder não fariam parte. Ela critica isso e também o fato de esses usos, apesar de privilegiarem as explicações sociais e não as biológicas para as diferenças entre os papéis masculinos e femininos nas relações entre os sexos, não explicarem como essas relações funcionam ou como elas se transformam.

A abordagem de ordem causal, segundo a autora, tenta dar conta de como as relações entre homens e mulheres funcionam e se transformam. Ela aponta três posições teóricas principais. A primeira procura explicar as origens do patriarcado, a segunda está ligada à tradição marxista e busca um compromisso com as críticas feministas, e a terceira se inspira em duas escolas da psicanálise (o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas) “para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito” (SCOTT, 1995, p. 77). Mas Scott considera todas elas limitadas, por razões que ela expõe em seu artigo e que não julgo pertinente reproduzir aqui.

Diante disso, a autora propõe seu próprio conceito de “gênero”, o qual é formado pela conexão de duas proposições: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Em relação à primeira proposição, a autora destaca que o gênero implica quatro elementos inter-relacionados. O primeiro deles são os “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias) – Eva e Maria como símbolos da mulher, por exemplo, na tradição cristã ocidental” (SCOTT, 1995, p. 86). O segundo são os conceitos normativos que determinam interpretações dos significados dos símbolos, conceitos estes expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas, e que afirmam categoricamente o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino. Esses conceitos tentam limitar as possibilidades de interpretação dos símbolos, determinando uma só posição dominante, declarada a única possível, para o significado dos símbolos (SCOTT, 1995).

Neste sentido também vai a afirmação da teóloga paulista Ivone Gebara (2000), no seu livro “Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal”, no capítulo em que trata dos estudos de gênero:

Assim, a mediação do GÊNERO nos leva a ultrapassar os modelos fixistas que, por exemplo, opõem Eva a Maria e as apresentam como dois modelos contraditórios. A noção de GÊNERO procura abrir-nos à complexidade da construção desses modelos simbólicos e nos convida a decodificá-los à luz dos jogos de construção social do poder entre os homens e as mulheres (GEBARA, 2000, p. 110-11).

Voltando a Joan Scott, o terceiro elemento implicado na sua primeira proposição acerca do gênero é a inclusão de uma concepção de política e de uma referência às instituições e organizações sociais nas análises de gênero, e não apenas do que a autora chama de esfera do parentesco, referente à família e ao lar, pois o gênero é construído igualmente através do parentesco e através da economia e da política, que são esferas muito importantes na sociedade atual (SCOTT, 1995). O quarto e último elemento é a construção da identidade subjetiva generificada. Scott diz que os/as historiadores/as precisam “examinar as formas pelas quais as identidades generificadas são substantivamente construídas e relacionar seus achados com toda uma série de atividades, de organizações e de representações sociais historicamente específicas” (SCOTT, 1995, p. 88).

Em relação à segunda parte de seu conceito de gênero, Joan Scott complementa que “o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado [...], ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas” (SCOTT, 1995, p. 88). A autora pondera:

Quando os/as historiadores/as buscam encontrar as maneiras pelas quais o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. (SCOTT, 1995, p. 89).

Em relação à interação gênero e política, Scott coloca que “o gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado” (SCOTT, 1995, p. 92). E que o poder político, ao mesmo tempo, faz referência ao significado da oposição binária homem/mulher e o estabelece, de modo que, para proteger esse poder político, o significado da oposição deve parecer fixo, fora até da construção humana, fruto da construção divina. “Destá maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro” (SCOTT, 1995, p. 92).

Dada esta interação tão forte entre a construção dos significados de gênero e política, a autora se pergunta como as coisas mudam. E ela mesma responde que a mudança pode ser iniciada em vários lugares e por várias causas, como revoltas políticas, crises demográficas

(causadas por fome, pestes ou guerras), e até mesmo pela emergência de novos tipos de símbolos culturais (SCOTT, 1995). Mas Scott ressalta que essas ocorrências não são garantia de mudanças de modelos de representação de gênero, podendo até mesmo servir para legitimar antigas concepções. “São os processos políticos que vão determinar qual resultado prevalecerá – político no sentido de que atores diferentes e significados diferentes lutam entre si para assegurar o controle” (SCOTT, 1995, p. 93).

Para finalizar, Joan Scott ressalta uma noção que considero muito interessante sobre a dupla de categorias homem/mulher:

[...] “homem” e “mulher” são, ao mesmo tempo, categorias vazias e transbordantes. Vazias, porque não têm nenhum significado último, transcendente. Transbordantes, porque mesmo quando parecem estar fixadas, ainda contêm dentro delas definições alternativas, negadas e suprimidas (SCOTT, 1995, p. 93).

Outra perspectiva importante a respeito do conceito de gênero e de sua construção é a que Teresa de Lauretis (1994) expõe em seu texto “A Tecnologia do Gênero”. A autora começa o texto criticando o conceito de gênero visto apenas como diferença sexual e diz que esse tipo de conceito e seus derivados (a cultura da mulher, a maternidade, a escrita feminina, etc.) acabaram por se tornar uma limitação do pensamento feminista (LAURETIS, 1994). Essa limitação estaria no fato de que o conceito de diferença sexual não deixaria ver as diferenças entre as mulheres, como explica Lauretis: “A partir desta perspectiva, não haveria absolutamente qualquer diferença e todas as mulheres seriam ou diferentes personificações de alguma essência arquetípica da mulher, ou personificações mais ou menos sofisticadas de uma feminilidade metafísico-discursiva” (LAURETIS, 1994, p. 207).

Lauretis coloca, então, que se deve construir um conceito de gênero que não esteja tão preso à diferença sexual. Para isso, a autora propõe que se pense o gênero a partir de uma visão teórica foucaultiana, que vê a sexualidade como uma “tecnologia sexual”: “[...] também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como de práticas da vida cotidiana” (LAURETIS, 1994, p. 208). Creio poder acrescentar o jornalismo como uma dessas tecnologias sociais.

A autora faz, então, quatro proposições acerca do gênero, as quais julgo pertinente reproduzir aqui:

- (1) Gênero é (uma) representação – o que não significa que não tenha implicações concretas ou reais, tanto sociais quanto subjetivas, na vida material das pessoas. Muito pelo contrário.

- (2) A representação do gênero é a sua construção – e num sentido mais comum pode-se dizer que toda a arte e a cultura erudita ocidental são um registro da história dessa construção.
- (3) A construção de gênero vem se efetuando hoje no mesmo ritmo de tempos passados, como da era vitoriana, por exemplo. E ela continua a ocorrer não só onde se espera que aconteça – na mídia, nas escolas públicas e particulares, nos tribunais, na família nuclear, extensa ou monoparental – em resumo, naquilo que Louis Althusser denominou “aparelhos ideológicos do Estado”. A construção do gênero também se faz, embora de forma menos óbvia, na academia, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas de vanguarda, nas teorias radicais, e até mesmo, de forma bastante marcada, no feminismo.
- (4) Paradoxalmente, portanto, a construção de gênero também se faz por meio de sua desconstrução, quer dizer, em qualquer discurso, feminista ou não, que veja o gênero como apenas uma representação ideológica falsa. O gênero, como o real, é não apenas o efeito da representação, mas também o seu excesso, aquilo que permanece fora do discurso como um trauma em potencial que, se/quando não contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação (LAURETIS, 1994, p. 209).

Sobre a primeira de suas proposições, Teresa de Lauretis esclarece que o termo “gênero” é a representação não de um indivíduo, mas de uma relação, “a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria” (LAURETIS, 1994, p. 210). O gênero, assim, atribuiria a uma pessoa certa posição dentro de uma classe e, conseqüentemente, também uma posição frente a outras classes (a autora afirma que usa o termo “classe” deliberadamente, embora não no sentido marxista, de classe social).

Em relação à sua segunda proposição, a autora completa que a representação social de gênero e a sua auto-representação (ou representação subjetiva de gênero) se afetam mutuamente, o que a leva a reescrever a proposição: “A construção de gênero é o produto e o processo tanto da representação quanto da auto-representação” (LAURETIS, 1994, p. 217).

Lauretis reescreve também sua terceira proposição, da seguinte maneira: “[...] a construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias do gênero (p. ex., o cinema) e discursos institucionais (p. ex., a teoria) com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero” (LAURETIS, 1994, p. 228). Mas ela ressalta que a representação de gênero também pode ser construída às margens dos discursos hegemônicos, nas práticas micropolíticas, seus efeitos ocorrendo na subjetividade e na auto-representação. E completa que a subjetividade é construída para os seres sociais através da experiência: “Procurei definir experiência mais exatamente como um complexo de efeitos, hábitos, disposições, associações e percepções significantes que resultam na interação semiótica do eu com o mundo exterior (nas palavras de C. S. Peirce)” (LAURETIS, 1994, p. 228). Lauretis ressalta que a experiência é continuamente modificada através do permanente engajamento do sujeito na realidade social, a qual inclui (de maneira importante para as mulheres, observa a autora) as relações sociais de gênero. Assim, a

experiência “engendra” os sujeitos-mulheres como femininos. Observo que essa afirmação vai no sentido de responder à questão de Joan Scott de como se dá a construção da identidade subjetiva generificada, questão que se constitui em um dos elementos implicados na definição de gênero de Scott.

Na esteira de sua quarta e última proposição, Teresa de Lauretis lança uma crítica ao desprezo que os intelectuais homens, em geral, demonstram pelas teorizações feministas. Em relação ao trabalho, em especial, de quatro filósofos (Derrida, Lyotard, Foucault e Deleuze), os quais tem em alta conta, mas que não tratam, na sua opinião, a questão do gênero de maneira adequada, a autora escreve:

[...] somente negando a diferença sexual (e o gênero) como componentes da subjetividade em mulheres reais, e conseqüentemente negando a história da opressão e da resistência política das mulheres, bem como a contribuição epistemológica do feminismo para a redefinição da subjetividade e da socialidade, é que os filósofos podem ver nas “mulheres” o repositório privilegiado do “futuro da humanidade”. Isso, observa Braidotti, “nada mais é do que o velho hábito mental [dos filósofos] de pensar o masculino como sinônimo de universal (...) o velho hábito de transformar as mulheres em metáfora”⁸ (LAURETIS, 1994, p. 235).

Lauretis afirma que a desconstrução do sujeito levada a cabo por essas teorias “é efetivamente maneira de reter as mulheres na feminilidade (Mulher) e de reposicionar a subjetividade feminina *dentro* do sujeito masculino, seja lá como for definido” (LAURETIS, 1994, p. 236). E completa que (de acordo com sua quarta proposição), se a desconstrução do gênero também o constrói, deve-se sempre perguntar e ponderar em que termos e no interesse de quem está se fazendo essa “des-reconstrução” (LAURETIS, 1994).

A autora termina seu texto enfatizando que o feminismo, para criar novos espaços de discurso e definir termos a partir de outra perspectiva, deveria concentrar seus esforços nas margens dos atuais discursos hegemônicos, nos espaços não representados desses discursos. Ela usa a expressão *space-off*, emprestada do cinema, que é “o espaço não visível no quadro, mas que pode ser inferido a partir daquilo que a imagem torna visível” (LAURETIS, 1994, p. 237), para concluir que

[...] o movimento para dentro e fora do gênero como representação ideológica, que, conforme proponho, caracteriza o sujeito do feminismo, é um movimento de vaivém entre a representação do gênero (dentro de seu referencial androcêntrico) e o que essa representação exclui, ou, mais exatamente, torna irrepresentável. É um movimento entre o espaço discursivo (representado) das posições proporcionadas pelos discursos hegemônicos e o *space-off*, o outro lugar, desses discursos. [...] Esses dois tipos de espaço não se opõem um ao outro, nem se seguem numa

⁸ BRAIDOTTI, Rosi. Modelli di dissonanza: donne e/in filosofia. In: MAGLI, Patrícia (ed.). **Le donne e i segni**. Urbino: Il Lavoro Editoriale, 1985, p. 34-35.

corrente de significação, mas coexistem concorrentemente e em contradição (LAURETIS, 1994, p. 238).

Esta posição de Lauretis também responde, de certa forma, ao questionamento de Joan Scott de “como as coisas mudam” (SCOTT, 1995). Como apresentado nas páginas anteriores, Scott propõe que a mudança pode se dar em vários lugares e por várias causas. Creio que, dentre esses lugares, pode estar o *sapce-off* dos discursos hegemônicos, preconizado por Teresa de Lauretis.

Acho interessante apresentar, além das posições dessas duas grandes teóricas do campo de estudos do gênero, algumas das idéias da teóloga Ivone Gebara (2000) a respeito do conceito de gênero, contidas em seu livro “Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal”, já citado anteriormente.

A autora entende, em consonância com Scott e Lauretis, que o gênero não se resume ao fato biológico de ser homem ou mulher:

GÊNERO significa uma construção social, um modo de ser no mundo, um modo de ser educado/a e de ser percebido/a que condiciona o ser e o agir de cada um. [...] a relação de GÊNERO foi e ainda é a construção de sujeitos históricos subjugados a outros, não só em razão de sua classe social, mas por uma construção sociocultural das relações entre homens e mulheres, entre masculino e feminino. Portanto, a sexualidade é culturalizada a partir das relações de poder (GEBARA, 2000, p. 106).

Gebara afirma que as análises a partir do gênero ajudaram a evitar dois grandes perigos, o do androcentrismo (considerar o masculino como normativo para a humanidade) e o de crer no assexualismo da ciência (GEBARA, 2000). E ela completa: “A categoria de GÊNERO também nos convida a sair de um certo simplismo da ciência teológica para colocar-nos de modo crítico na construção de uma teoria mais inclusiva da fé cristã” (GEBARA, 2000, p. 104).

A autora destaca uma noção que também está presente nos textos de Lauretis e Scott, mas não de forma tão explícita: a de que o foco na diferença de gênero não deve ocultar as outras diferenças, de idade, de cultura, de religião, etc., e também as diferenças entre os sujeitos generificados – “A meu ver, a diferença de GÊNERO é uma diferença entre uma multiplicidade de diferenças: diferenças entre homens e mulheres, entre homens e homens e entre mulheres e mulheres” (GEBARA, 2000, p. 105). “Neste sentido, falar de GÊNERO é também falar no plural, tendo em vista a diversidade de nossas culturas e situações. Da mesma forma, falar de GÊNERO é afirmar a pluralidade do humano” (GEBARA, 2000, p. 107).

Outra idéia explicitada por Ivone Gebara remete aos textos de Lauretis e Scott: a de que, a partir das análises de gênero, o cotidiano ganha importância na historiografia das mulheres.

O cotidiano é o mundo doméstico, o mundo das relações breves, das relações mais diretas, que são às vezes capazes de mudar as relações mais amplas. [...] O cotidiano das mulheres e dos homens entra na ciência histórica para mostrar que as grandes estruturas econômicas e políticas têm a ver com o que vivemos em nossos lares. O doméstico não está separado das grandes questões socioeconômicas, nem dos grandes desafios da cultura. O cotidiano faz parte das estruturas econômicas e culturais mais amplas, porque elas se manifestam concretamente neste nível regional, interpessoal, comunitário (GEBARA, 2000, p. 121-22).

Creio que esta afirmação vai no mesmo sentido de um dos elementos constituintes da proposição de Joan Scott acerca do gênero: de que ele é construído igualmente através da esfera do parentesco (doméstica) e da política e das instituições e organizações sociais (SCOTT, 1995). Teresa de Lauretis também toca no assunto, por meio da citação do artigo de Joan Kelly, “The doubled vision of feminist theory”⁹, no qual ela se posiciona a respeito das “esferas” do doméstico e do público:

Uma vez que aceitemos o conceito fundamental do feminismo de que o pessoal é político, argumenta Kelly, não mais podemos afirmar que existem duas esferas da realidade social: a esfera privada ou doméstica, da família, sexualidade e afetividade, e a esfera pública do trabalho e da produtividade. [...] Em vez disso, podemos imaginar vários conjuntos inter-relacionados de relações sociais – relações de trabalho, classe, raça e sexo-gênero. [...] Os homens e as mulheres não só se posicionam diferentemente nessas relações, mas – e esse é um ponto importante – as mulheres são diferentemente afetadas nos diferentes conjuntos (LAURETIS, 1994, p. 215).

Acredito que essas três autoras, com visões distintas, mas, em certo sentido, complementares acerca da categoria “gênero”, traçam um panorama suficientemente abrangente para os fins deste trabalho.

Passo, a seguir, a uma visão de como as mulheres são representadas nos jornais, a partir de dois trabalhos: “Language in the News: Discourse and Ideology in the Press”, livro de Roger Fowler (1991), e “A Mídia e as Mulheres: Feminismos, Representação e Discurso”, dissertação de mestrado de Maria de Fátima Cabral Barroso de Oliveira (2005) (a qual utiliza o trabalho de Roger Fowler como uma de suas bases teóricas).

Maria de Fátima Cabral Barroso de Oliveira inicia o capítulo em que analisa a representação das mulheres nos jornais canadenses da década de 1990 lembrando que Fowler afirma que “os textos jornalísticos não devem ser entendidos como um reflexo da realidade,

⁹ KELLY, Joan. **Woman, history and theory**. Chicago: Univ. of Chicago Press, 1984, [a autora não indica as páginas do artigo].

mas como o resultado de um processo de criação e interpretação social, atravessado por relações de poder” (CABRAL BARROSO DE OLIVEIRA, 2005, p. 58). A autora também destaca, no resumo de sua dissertação, que a “[...] imprensa escrita tem grande influência na criação ou na perpetuação de representações e/ou imagens de categorias sociais” (CABRAL BARROSO DE OLIVEIRA, 2005, p. 8), dentre elas, a “categoria” mulher. E, em sua conclusão, que os jornais, ao representar as mulheres, não são veículos neutros de transmissão de verdades, mas sim “instrumentos de mediação entre os vários discursos que circulam na sociedade. Assim, a mídia é uma das principais arenas na qual acontece a luta pelo significado com a finalidade de (re)definir e (re)construir verdades” (CABRAL BARROSO DE OLIVEIRA, 2005, p. 132). Observo que essas proposições vêm ao encontro da idéia de Teresa de Lauretis de que a construção do gênero como representação, hoje em dia, se dá através de tecnologias sociais, dentre as quais, como afirmei anteriormente, creio poder colocar o jornalismo.

Acerca da representação das mulheres nos jornais, Roger Fowler afirma que até mesmo uma pequena amostra dos textos jornalísticos, coletada rotineiramente, sem procurar por exemplos particularmente dramáticos,

[...] sugere que as mulheres são constituídas no discurso como um grupo especial, com suas características peculiares, apartado da população em seu conjunto para uma avaliação especial. Irracionalidade, dependência da família, impotência e excesso físico e sexual são alguns dos atributos predicados às mulheres; esses são aspectos do paradigma para esse “grupo” que também foram achados por outros escritores do sexismo na linguagem (FOWLER, 1991, p. 95, tradução minha).

Cabral Barroso de Oliveira reforça esta idéia ao afirmar que, sob a aparente representação igualitária das pessoas nos textos jornalísticos, “a identidade feminina produzida é a do ‘outro’ que é ‘diferente’ da norma” (CABRAL BARROSO DE OLIVEIRA, 2005, p. 8).

E para este “grupo”, a vida privada, familiar, em geral é sempre mencionada pelos textos jornalísticos. Como coloca Fowler:

As relações familiares e maritais são freqüentemente colocadas gratuitamente em primeiro plano nas representações de mulheres. [...] Pessoas privadas [no sentido de não serem personalidades públicas] nas notícias, se são mulheres, são, com freqüência, totalmente caracterizadas em termos de relações familiares. [...] A sua identidade pública é tida como dependente das suas relações maritais e de parentesco. Os homens, em histórias sérias, não são usualmente apresentados em termos tão insistentemente domésticos, mas freqüentemente têm suas profissões ou empregos mencionados – identidade *fora* do lar e da família (FOWLER, 1991, p. 101-102, tradução minha).

Maria de Fátima Cabral Barroso de Oliveira verifica essa condição descrita por Fowler nos textos dos jornais canadenses que analisa. Em relação a um conjunto de textos nos quais são apresentadas mulheres supostamente como profissionais, ela observa que a “[...] mulher-profissional é apresentada fora do contexto da esfera pública, do mundo dos negócios; o enfoque recai sobre o lado pessoal, isto é, sobre a esfera privada” (CABRAL BARROSO DE OLIVEIRA, 2005, p. 85), enquanto que em outro texto analisado, que apresenta um homem como profissional, não há nenhuma menção à sua vida familiar (se é casado, se tem filhos, etc.). A autora conclui, então, que, nos textos analisados, a

[...] vida familiar é aparentemente fundamental para a atuação da mulher-profissional no mundo dos negócios, mas o mesmo não ocorre com o homem-profissional, para o qual as relações familiares não têm tanta importância. Então, podemos dizer que existem dois mundos dos negócios: um masculino e outro feminino (CABRAL BARROSO DE OLIVEIRA, 2005, p. 73).

Fowler alerta que o argumento de que as maneiras como as pessoas são representadas nos textos jornalísticos são apenas um reflexo da realidade não é válido. O autor admite que o discurso dos jornais lida com homens e mulheres em termos de diferentes conjuntos de categorias e estereótipos e que, sem dúvida, isso reflete as maneiras diferentes pelas quais a sociedade trata homens e mulheres, mas afirma:

Seria complacente aceitar que a relação entre linguagem e sociedade é meramente reflexiva. Parece bastante provável que a discriminação presente no discurso ajude a manter hábitos intelectuais que promovem a discriminação na prática: articulando constantemente uma ligação entre um tipo de expressão e uma categoria referente, o discurso faz essas categorias socialmente construídas parecerem naturais, senso comum (FOWLER, 1991, p. 105, tradução minha).

Fowler ressalta que a aparição, nos discursos jornalísticos, de um grande número de expressões que mencionam categorias sociais poderosas e colocam os homens como incumbidos dessas categorias implicitamente sugere que essa é a ordem natural das coisas e assim reforça a resistência contra a admissão das mulheres nessas categorias poderosas. O autor observa que homens e mulheres são rotulados de “diretor de gerência” e “atriz” em contextos que fazem o uso parecer natural, e, assim, os rótulos passam despercebidos, e que os discursos jornalísticos habitualmente estão saturados dessas categorizações de homens e mulheres, mas que o “senso comum” faz com que não percebamos essa saturação (FOWLER, 1991).

Acredito que essa visão de como as mulheres são retratadas na mídia impressa oferecida pelos dois trabalhos contribui para a análise de como as mulheres são retratadas na

seção *Gente Luterana* dos sete exemplares do Jorev que constituem o meu *corpus*. Pretendo verificar se, também na *Gente Luterana*, as mulheres são caracterizadas em termos de sua relação familiar e vida privada mais insistentemente do que os homens. Farei essa análise sempre tendo em mente o alerta de Fowler, de que as representações na mídia não são meros reflexos da realidade e de que a discriminação inscrita no discurso pode promover a discriminação na prática.

Também levarei em conta os conceitos e as noções acerca do gênero apresentados por Joan Scott, Teresa de Lauretis e Ivone Gebara. Cito especialmente a preocupação de Scott de que as análises de gênero não sejam feitas exclusivamente através da esfera do parentesco, já que o gênero, segundo a autora, é construído igualmente através do parentesco e da economia e da política (SCOTT, 1995); a terceira proposição de Teresa de Lauretis acerca do gênero: de que a construção do gênero ocorre hoje através de várias tecnologias sociais, com poder para implantar representações de gênero (LAURETIS, 1994), dentre as quais, proponho, está o jornalismo; e o alerta de Ivone Gebara de que o foco na diferença de gênero não pode ocultar as diferenças individuais, nem as sociais, culturais, religiosas, entre outras (GEBARA, 2000).

4. METODOLOGIA

A metodologia que empregarei para analisar os perfis da seção *Gente Luterana* na perspectiva dos estudos de gênero é a análise de conteúdo. Utilizarei as noções acerca dessa técnica estabelecidas por Albert Kientz (1973) e Wilson Corrêa da Fonseca Júnior (2005).

Fonseca Júnior ressalta que, em comparação com outras técnicas tradicionalmente usadas na pesquisa em comunicação, a análise de conteúdo tem a vantagem de cumprir com os requisitos de *sistematicidade* e *confiabilidade* e que ela “tem demonstrado grande capacidade de adaptação aos desafios emergentes da comunicação e de outros campos do conhecimento” (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 280). Além da comunicação, área em que o método começou a ser usado sistematicamente no início do século XX, outros campos que utilizam a análise de conteúdo, citados pelo autor, são a psicologia, a sociologia, a história e até mesmo a esfera do ativismo político.

Para definir a análise de conteúdo, Kientz cita Berelson, um dos principais promotores do método nas décadas de 1940 e 1950: ela é “uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa, do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por finalidade interpretá-las” (BERELSON, 1952¹⁰ apud KIENTZ, 1973, p. 10). Essa definição da técnica, segundo Fonseca Júnior, demonstra o cunho positivista que a análise de conteúdo tinha em seu início e a ênfase no aspecto quantitativo, características pelas quais o método foi muitas vezes criticado.

Kientz, em seu texto, responde a um dos críticos da análise de conteúdo, Marshall McLuhan. Este criticava o uso da técnica para a análise do conteúdo das comunicações de massa, uma vez que defendia a idéia de que *o meio é a mensagem* e que, portanto, analisar o conteúdo das comunicações de massa seria apenas desviar do que realmente importava – o meio de comunicação em si (KIENTZ, 1973). Kientz rebate essa crítica ao afirmar que, para além da mensagem, a análise de conteúdo acaba por analisar também o meio de comunicação. Através do conteúdo, chega-se ao continente, aos modos de produção e à cultura em que ele se situa e que o condiciona: “[...] em vez de desviar do *medium*, a análise de conteúdo conduz-nos a ele” (KIENTZ, 1973, p. 13).

Segundo Kientz, isso acontece devido ao duplo aspecto da comunicação: o representacional (a personalidade e ideologia do autor são passadas pelas mensagens que ele produz, mesmo que ele não queira) e o instrumental (a comunicação serve de instrumento para agir sobre o seu receptor, para influenciá-lo). Dessa maneira, “a análise das mensagens

¹⁰ BERELSON, Bernard. **Content analysis in communication research**. Glencoe: The Free Press, 1952, p. 18.

que são difundidas pelos *media* permite [...] apurar com exatidão as atitudes, tendências e, em última análise, o espírito que caracteriza o jornal [...]” (KIENZT, 1973, p. 58).

Fonseca Júnior destaca que, a partir da metade da década de 1950, a análise de conteúdo superou sua rígida ênfase no aspecto quantitativo e amenizou o impacto da sua herança positivista. Citando Laurence Bardin¹¹, o autor afirma que a inferência passou a ser valorizada como a função ou o objetivo do método, estando ou não baseada em indicadores quantitativos. O autor define inferência como “uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada” (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 284). Fonseca Júnior salienta que, atualmente, a análise de conteúdo oscila entre o tratamento quantitativo e o qualitativo, dando ênfase a um dos dois de acordo com a ideologia e os interesses do pesquisador. Quero destacar aqui minha opção por um tratamento mais qualitativo, até pelo tamanho da minha amostra (sete exemplares do Jorev), já que Fonseca Júnior argumenta que a escolha de uma ênfase qualitativa ou quantitativa é também condicionada pelo tamanho do *corpus* de pesquisa:

Se a quantidade de material analisado for muito grande, isso exigirá a adoção de procedimentos de estatística para se obter uma visão de conjunto, devendo-se optar pela análise quantitativa. Neste caso, ganha-se em abrangência, mas perde-se em profundidade. Se o objetivo for aprofundar o conteúdo, torna-se impossível o processamento de uma grande quantidade de dados, devendo ser realizada uma análise qualitativa (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 293).

A constituição do *corpus* da pesquisa, segundo Fonseca Júnior, faz parte da primeira etapa da aplicação da metodologia, a qual é dividida em quatro: organização da análise, codificação, categorização e inferência.

Meu *corpus*, como já referido anteriormente neste trabalho, é composto pelas edições da seção *Gente Luterana* presentes em sete exemplares do Jornal Evangélico Luterano, de junho/julho de 2005 a junho/julho de 2006. Creio que ele obedece às quatro regras de constituição do *corpus* de pesquisa enumeradas por Fonseca Júnior (exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência). Completando a etapa de organização da análise, reforço que o objetivo da pesquisa é investigar como as mulheres são retratadas na seção *Gente Luterana*: se são caracterizadas em termos de sua relação familiar e vida privada mais insistentemente do que os homens; e se o seu engajamento na Igreja as aproxima do tipo de condição e participação femininas promovidas pela OASE ou pelo Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. A partir dessa análise, creio poder descobrir que tipo de engajamento feminino na Igreja a seção (e, por conseguinte, o Jorev) destaca e promove no conjunto das

¹¹ BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

sete edições constituintes do *corpus*. Esclareço que, em conformidade com esse objetivo, a ênfase maior de análise vai se dar sobre os perfis das mulheres, embora eu também vá levar em conta os dos homens.

A segunda etapa da análise, a da codificação, visa, segundo Fonseca Júnior, “esclarecer o analista sobre as características do material selecionado. Sua principal função é servir de elo entre o material escolhido para análise e a teoria do pesquisador [...]” (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 294). Nesta etapa, faz-se a escolha das unidades de registro (partes de uma unidade de amostragem) e de contexto (contexto em que as unidades de amostragem estão inseridas). Minhas unidades de registro são os perfis das mulheres e dos homens das seções *Gente Luterana* que formam o *corpus* (ou unidades de amostragem), e as unidades de contexto são os estudos de gênero e a caracterização do Jorev e da participação da mulher na IECLB, expostos nos capítulos anteriores.

Também na codificação estão implicadas as regras de enumeração, as quais se referem, por sua vez, ao “modo de quantificação das unidades de registro que levarão ao estabelecimento de índices” (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 295). Fonseca Júnior destaca três índices mais encontrados nas pesquisas em comunicação:

(a) a *freqüência* com que aparece um símbolo, idéia ou tema tende a ser interpretada como medida de *importância*, *atenção* ou *ênfase*; (b) o equilíbrio na quantidade de atributos *favoráveis* e *desfavoráveis* de um símbolo, idéia ou tema tende a servir como medida de *orientação* ou *tendência*; (c) a quantidade de associações e de classificações sobre um símbolo, idéia ou tema pode ser interpretada como uma medida de *intensidade* ou *força* de uma crença, convicção ou motivação (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 295).

De acordo com os objetivos da minha pesquisa, observarei o primeiro índice – em quantos perfis os homens e as mulheres estão caracterizados mais fortemente em termos de sua relação familiar e vida privada e em quantos, de sua vida pública/profissional; e em quantos perfis femininos o engajamento das mulheres se aproxima da condição e participação femininas promovidas pela OASE e em quantos, daquelas promovidas pelo Fórum.

A etapa da categorização “consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade” (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 298). As categorias para minha análise, novamente de acordo com os objetivos da pesquisa, serão Vida Privada e Vida Pública (pelas quais classificarei os perfis de acordo com a ênfase dada à vida privada ou à vida pública na caracterização do perfilado) e Engajamento-OASE e Engajamento-Fórum

(pelas quais classificarei os perfis das mulheres de acordo com o tipo de condição e participação femininas dos quais seu engajamento na Igreja as aproxima).

A última etapa da aplicação da metodologia é a inferência, a qual é, segundo Fonseca Júnior, o “momento mais fértil da análise de conteúdo, estando centrado nos aspectos implícitos da mensagem analisada” (FONSECA JÚNIOR, 2005, p. 298). É esta etapa que realizo a seguir: a análise dos perfis da *Gente Luterana* em si. Quero deixar claro, por fim, que, nesta análise, observarei apenas o texto, o título, o “olho” e o parágrafo introdutório aos perfis (mencionado no capítulo 2 deste trabalho, quando faço uma caracterização da *Gente Luterana*, e presente nas três últimas edições do *corpus*). Não levarei em conta as fotos, os anúncios presentes nas páginas da seção e a questão da distribuição gráfica dos textos, títulos, fotos, etc.

Ressalto que todas as edições da *Gente Luterana* analisadas estão reproduzidas em anexo, como já referido na Introdução deste trabalho.

5. ANÁLISE DAS EDIÇÕES DA SEÇÃO *GENTE LUTERANA*

5.1. Análise da edição de jun./jul. de 2005

Nesta edição, são apresentados os perfis de Susane Elise Giongo e Ellemar Wojahn.

Susane é fortemente caracterizada em termos de sua vida privada. Quase todo o texto é construído em cima das relações de Susane com seus pais e do envolvimento destes com a comunidade em que viviam. Pode-se dizer que ela é apresentada, em boa parte, através de seus pais. Até mesmo o título do texto, a meu ver, está relacionado a eles (pelo modo como são caracterizados, os pais seriam os “agentes de transformação”). Também são citados seu marido e filhos. Seu perfil se encaixa, assim, na categoria Vida Privada. Sua profissão (professora) só é mencionada no primeiro parágrafo e depois, no último, quando ela mesma salienta que se sente realizada lecionando numa escola luterana.

Seu engajamento atual na Igreja parece ser, pelo que se lê em seu perfil, apenas este – ser professora em uma escola pertencente à Igreja. Por ser um engajamento profissional, e não voluntário (que é o tipo de atuação típica da OASE), classifico seu perfil também na categoria Engajamento-Fórum.

Contudo, saliento que a origem de seu envolvimento com a Igreja, como se pode ver no texto em anexo, se dá através de seus pais, os quais tem uma divisão do trabalho religioso do tipo tradicional, a qual é preconizada pela OASE. O pai é descrito mais em termos profissionais, também em relação ao seu engajamento na Igreja (é professor, regente de corais, organista e secretário), enquanto que a mãe é descrita em termos mais domésticos (é voluntária na escola em que o marido leciona e é sineira da Igreja, e arrisco inferir que ajudava a preparar as “cucas, tortas e bolos” para as festas, que eram feitos em sua casa).

Ainda em relação ao perfil de Susane, saliento uma expressão, presente no último parágrafo do texto: “Pastorado Escolar”. O fato de o texto não se preocupar em explicá-la demonstra bem o que Fiegenbaum observa, em sua dissertação, quanto ao Jorev ser um jornal da Igreja:

Ainda que o dispositivo midiático mantenha suas características de campo, sua atuação, no caso específico, tende a restringir-se ao universo simbólico do campo que o instituiu, organizando e articulando as relações dentro deste campo. Exemplo disso são os editoriais que se valem de argumentos e jargões teológicos próprios do campo religioso [...] (FIEGENBAUM, 2006, p. 107-108).

O “Pastorado Escolar” poderia ser considerado um destes jargões, ou ao menos uma expressão conhecida somente pelos membros da Igreja. Por essa falta de explicitação do significado da expressão, pode-se ver claramente a quem o Jorev se destina: ao leitor luterano, não ao leitor em geral. E, levando-se em conta que o *corpus* faz parte da fase em que o Jorev está sendo pensado como uma “ferramenta de trabalho” para os líderes na Igreja, fica ainda mais justificada esta despreocupação em explicar a expressão – certamente um líder de Igreja sabe o que ela significa.

Ellemar Wojahn é extremamente caracterizado em termos de sua vida pública. São mencionados os seus estudos, sua profissão e os cargos políticos que ocupou (também que concorreria a deputado estadual naquele ano). São citados esposa e filhos, além dos pais. Portanto, entra na categoria Vida Pública. Seu engajamento na Igreja dá-se através de sua profissão (agrônomo), em razão da qual atuou no Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, vinculado à IECLB. O título do texto, “Justiça é decorrência do Evangelho”, relaciona-se com seu tempo de estudante no IPT (Instituto Pré-Teológico), antiga escola da Igreja.

Comparando-se os dois perfis, vemos que Susane é caracterizada mais insistentemente em termos de seu relacionamento familiar do que Ellemar.

5.2. Análise da edição de ago./set. de 2005

Nesta edição, são apresentados os perfis de Sueli Isolda Albrecht Kreutzfeld e Mario Tesche.

Sueli é totalmente caracterizada em termos de sua vida privada. Isso pode ser visto logo na primeira frase de seu perfil: ser esposa do pastor Ademir Kreutzfeld é a primeira característica de Sueli que conhecemos. Na segunda frase, fica-se sabendo que Sueli divide-se entre os papéis de “mulher de pastor” e “dona de casa e mãe”. A seguir, o texto cita os pais de Sueli e a maneira como conheceu seu marido. Está-se diante de uma “esposa de pastor”, que é, segundo Gabriele dos Anjos, “um tipo de liderança feminina tradicional na Igreja” (ANJOS, 2005, p. 413). E o perfil mostra que, realmente, esta é a origem de sua liderança e de seu engajamento na Igreja. Sueli faz diversos tipos de trabalhos voluntários na comunidade enquanto “mulher do pastor”.

Desses trabalhos, ela salienta o discipulado. Novamente vemos aqui uma expressão própria da Igreja que não é explicada, denotando o público ao qual o Jorev se destina como conhecedor da expressão, e, portanto, público interno da Igreja.

Das dificuldades que Sueli cita “como liderança”, algumas fazem alusão ao trabalho do marido, e não ao dela na comunidade (por exemplo, o excesso de trabalho que não permite um envolvimento mais pessoal do pastor com os fiéis), o que demonstra a importância que a profissão do marido tem em seu papel de liderança na Igreja.

O engajamento total de uma esposa de pastor na Igreja, no entanto, só é possível, segundo Sueli, quando ela não trabalha fora: “Quando ela exerce uma profissão, o tempo para o trabalho voluntário é reduzido” (JOREV, ago./set. 2005, p. 16). Essa observação de Sueli parece entrar em conflito com uma das dicas que dá, na última parte de seu perfil, “para as jovens que pretendem casar com um pastor” (JOREV, ago./set. 2005, p. 16) – sua segunda dica é de que tais mulheres tenham uma profissão. Só que, na fala de Sueli, a profissão não se liga à vida pública da mulher, e sim à sua vida privada, já que tem a função de enriquecer a mulher como pessoa, deixá-la preparada para os “reveses da vida” e enriquecer o trabalho pastoral. Ou seja, mesmo a profissão de uma mulher de pastor é retratada como servindo ao trabalho do marido. Essa vinculação da mulher ao marido fica bem clara na primeira dica de Sueli: a jovem que pretende casar com um pastor deve não apenas estar apaixonada por ele, como homem, mas também pela profissão dele. As demais dicas são de cunho espiritual/religioso, como ler a Bíblia, orar antes de falar e agir e recorrer a Jesus quando enfrentar “tribulações”.

Por tudo isso, classifico o perfil de Sueli nas categorias Vida Privada e Engajamento-OASE. Creio que Sueli, da maneira como é retratada, encaixa-se perfeitamente na participação feminina proposta pela OASE, de acordo com o que foi descrito no capítulo dois desta monografia (trabalho voluntário, fechado nos problemas da Igreja, mantendo a divisão tradicional do trabalho religioso masculino e feminino).

Faço ainda uma última observação em relação ao título e ao olho do perfil de Sueli. Ambos não parecem, na minha opinião, caracterizar o que é dito sobre Sueli no texto do perfil. O título, “Valorizando o trabalho em equipe”, só faz sentido, a meu ver, se a “equipe” citada for formada por Sueli e seu marido. Não é o trabalho em equipe que é caracterizado e valorizado pelo tipo de engajamento na Igreja que Sueli tem, mas sim o trabalho em função da profissão de seu marido. O olho, “Sueli dá algumas recomendações às ‘moças casadoiras’: não desistam de si mesmas”, não está de acordo com o que se infere do conjunto de dicas que Sueli dá ao final do perfil. Eu entendo que, desse conjunto, sai a recomendação de dedicação das futuras mulheres de pastor não a si mesmas, mas ao marido, guiando sua profissão e suas atividades religiosas para o apoio a ele.

Mario Tesche é retratado mais fortemente em termos de sua vida profissional, embora sejam citados seus pais e avós, sua esposa, filhos, noras e genro. Mas a tônica recai mesmo sobre sua vida pública (cita sua formação profissional e seus vários anos como contador), mesmo em relação ao seu engajamento na Igreja – as funções que exerceu foram sempre de cunho mais técnico ou em cargos administrativos (tesoureiro, representante distrital, membro do presbitério de sua paróquia). Portanto, sua categoria é Vida Pública.

A principal dificuldade que Mario cita em relação ao trabalho na Igreja é a conciliação deste com a profissão. Porém, logo na primeira frase do texto fica claro que esta dificuldade não o impediu de se dedicar à comunidade. Isto vai ao encontro do que Susanne Buchweitz colocou como um dos objetivos da *Gente Luterana*: “mostrar para as pessoas que não são lideranças que não é um monstro de sete cabeças tu te engajares na Igreja, que, sim, demanda tempo, mas que tem muitas pessoas bacanas que estavam fazendo [...] e que trabalham, que não são aposentados, não são donas de casa” (entrevista no anexo A). O objetivo da seção de incentivar as pessoas a se engajarem na Igreja fica explícito ao final do perfil, com o chamado, nas palavras do próprio perfilado, às pessoas para que elas “coloquem seus dons a serviço das respectivas comunidades e paróquias” (JOREV, ago./set. 2005, p. 16).

Da mesma maneira que na edição anterior, os perfis de Sueli e Mario mostram que ela é caracterizada muito mais intensamente em termos de seu relacionamento familiar (especialmente o marital) do que ele.

5.3. Análise da edição de out./nov. de 2005

Nesta edição, são apresentados os perfis de Aline Zenker Pacheco e Horst Walter Märtins.

Aline é apresentada como uma liderança jovem, do grupo da Juventude da Igreja. A tônica do perfil está na sua condição de jovem, não de mulher. O texto cita os pais e a irmã de Aline, mas, de resto, ela é caracterizada mais em termos de sua vida pública, eminentemente em termos de seu engajamento na Igreja (também cita sua profissão, pedagoga). Portanto, seu perfil se enquadra na categoria Vida Pública.

Seu engajamento não está ligado à sua profissão, mas também não se pode dizer que seja da esfera do privado. Ela é uma liderança expressiva da Juventude, ocupa um cargo de prestígio (é presidente do Conselho Nacional da Juventude). Penso também que esta representatividade mais como jovem do que como mulher a aproxima da participação feminina preconizada pelo Fórum de Reflexão da Mulher Luterana: uma mulher jovem,

“moderna”, não caracterizada em termos de marido e filhos e que ocupa um espaço diretivo na Igreja. E que não tem receio de fazer críticas a esta: ao falar sobre a falta de envolvimento dos jovens com a Igreja, Aline afirma que “a IECLB ainda não tem um trabalho adequado para oferecer para o jovem entre o tempo de confirmação e os grupos de adultos” (JOREV, out./nov. 2005, p. 16). Este pensamento de Aline está expresso no olho – ou quase todo expresso, já que falta a última linha do olho, como se pode ver na reprodução em anexo (uma falha de revisão, creio eu). Assim, a outra categoria de seu perfil é Engajamento-Fórum.

Acredito também que este perfil sirva ao objetivo da *Gente Luterana* de incentivar o leitor e, mais especificamente, o leitor jovem a se envolver com a Igreja (ou de servir de subsídio para uma liderança fazer esse incentivo), ao mostrar um exemplo de jovem engajada e que não tem medo do preconceito da sociedade com os “igrejeiros”. Como aliás, pode-se ver logo no título, “Igrejeira mesmo, com muito prazer”, que, neste caso, ao contrário do perfil de Sueli Isolda Albrecht Kreutzfeld, sintetiza bem o que é dito sobre Aline no texto.

O perfil de Horst Märtins fala um pouco dele, e muito sobre a entidade da Igreja na qual ele faz trabalho voluntário. De sua vida privada/familiar, o texto cita sua infância difícil e sua esposa, filhos e netos. Sobre sua profissão, que é administrador de empresas. De resto, o enfoque é seu trabalho no Asilo Pella Bethânia, no qual sempre exerceu cargos administrativos. O título, “Um grande motivo para tocar a vida”, e o olho (que, mesmo cortado, diz que Märtins é apaixonado pelo trabalho no Pella Bethânia) mostram a importância que esse trabalho voluntário tem em sua vida. Enquadro seu perfil na categoria Vida Pública.

Ao contrário das edições anteriores, Aline não é mais caracterizada em termos domésticos do que Horst Märtins. Ambos são fortemente descritos através de sua vida pública.

5.4. Análise da edição de dez. de 2005/jan. de 2006

Nesta edição, são apresentados os perfis de Ruth Baade e Fridolino Probst.

No perfil de Ruth, o que mais me chamou atenção foi o fato de, pela primeira vez até esta edição da seção, não se mencionar absolutamente nada sobre a família da mulher perfilada. O texto não cita pais, marido, filhos ou netos. A única pista que se tem de sua vida privada são as datas de seu batismo e de sua confirmação – aspectos da vida privada que são, no entanto, ligados à religião. Também não se fala nada sobre sua profissão. Ruth é

totalmente caracterizada em termos de seu engajamento na Igreja, o que faz com que eu classifique seu perfil na categoria Vida Pública.

O engajamento de Ruth na Igreja retratado no perfil é realmente muito grande, em termos de diversidade de cargos que ocupou ao longo dos anos. O que justifica o título: “Uma vida a serviço da IECLB”.

Como se pode ver no texto reproduzido em anexo, seu engajamento iniciou-se na OASE, na qual ocupou cargos diretivos, mas se estendeu para fora dela. Ruth foi integrante de órgãos importantes na Igreja, como o Conselho da IECLB, e a representou em eventos internacionais. Apesar desses cargos e funções de prestígio e fora da OASE, classifico seu perfil também na categoria Engajamento-OASE. Tomo como indícios de que Ruth está mais próxima da condição feminina promovida pela OASE, além do fato de ela fazer parte da entidade, duas observações feitas no texto. Uma é a de que, como integrante da comissão que organizou a Assembléia da Federação Luterana Mundial em Curitiba, Ruth ficou responsável pela decoração do recinto em que se realizou a Plenária. São ressaltados, no texto, as almofadas, sacolas e panôs confeccionados pelas mulheres da OASE, lideradas por ela. Saliento o fato de que a informação acerca dos panôs também constitui o olho do perfil. Ou seja, o que é destacado no olho não são os vários cargos fora da OASE que Ruth ocupou, mas o trabalho manual daquela entidade.

A outra observação é que, de acordo com o texto, para Ruth, o fato mais marcante daquela Assembléia da FLM foi a eleição do então pastor-presidente da IECLB para o cargo de presidente da FLM, e que ela rezou todos os dias para que o pastor alcançasse o cargo. Ou seja, seu papel, enquanto liderança feminina, foi o de rezar, e o do pastor foi o de assumir um importante cargo eletivo.

Ambas as observações me parecem colocar Ruth do lado “feminino” da divisão tradicional dos papéis religiosos promovida pela OASE. Porém, observo que Ruth seria uma representante daquela OASE mais moderna, citada anteriormente neste trabalho. Gabriele dos Anjos afirma que “é a esta definição de OASE que a figura de ‘líder’ parece estar mais conectada” (ANJOS, 2005, p. 372), e uma líder que atua não só nos níveis local, regional e nacional da OASE, mas também em outras entidades da Igreja ou de esferas sociais fora desta. Podemos ver um indício desse papel de olhar para fora da comunidade, característico desta OASE mais moderna e aberta, numa fala da própria Ruth: “Acho que a fé evangélico-luterana compromete e desafia a olhar para além dos muros das nossas comunidades” (JOREV, dez. 2005/jan. 2006, p. 16).

Quanto ao perfil de Fridolino Probst, chamou-me atenção o fato de que, também pela primeira vez até esta edição da seção, não foi mencionada sua profissão, ao contrário dos outros perfis masculinos, em que a profissão é sempre mencionada e até ressaltada, à medida que se liga ao engajamento dos homens na Igreja. Ainda assim, penso que seu perfil se encaixa mais adequadamente na categoria Vida Pública. Quanto à sua vida privada, o texto diz que é filho e neto de luteranos e que é casado. Seu engajamento na Igreja se dá através de vários cargos de cunho diretivo e administrativo. Um de seus atuais trabalhos na Igreja, a elaboração de uma cartilha sobre a auto-sustentabilidade financeira da Igreja, mencionado mais ao final do perfil, justifica uma opinião sua a respeito do tema, apresentada logo no início do texto e também no olho (“Seu Fredolino Probst acredita firmemente na futura – quem sabe mesmo em breve [sic] – auto-sustentabilidade”). O título, “Fazendo acontecer”, a meu ver, faz alusão ao seu trabalho na Igreja.

É interessante fazer uma comparação entre os títulos e os “olhos” dos dois perfis. “Fazendo acontecer” remete a ação e a sucesso, enquanto que “Uma vida a serviço da IECLB” remete a dedicação e a passividade. O homem “faz o sucesso acontecer”, enquanto que a mulher dedica sua vida a uma instituição. Quanto aos “olhos”, o do perfil da mulher fala sobre panôs, enquanto que o do homem fala sobre auto-sustentabilidade da Igreja. Nota-se que, apesar de ambos os perfilados ocuparem cargos diretivos e de prestígio na Igreja, o conjunto títulos/“olhos” enquadra Ruth e Fridolino nos papéis religiosos e sociais tradicionais de homens e mulheres.

Apesar disso, não se pode dizer que Ruth é mais caracterizada em termos de sua vida privada do que Fridolino.

5.5. Análise da edição de fev./mar. de 2006

Nesta edição, são apresentados os perfis de Bethânia Guenther e Darcy Laske. E, pela primeira vez nas edições constituintes do *corpus*, aparece o parágrafo introdutor aos perfis. Ele apresenta Bethânia e Laske em termos das áreas de atuação (comunicação para a primeira, educação para o segundo) em que colocam “seus dons a serviço do que acreditam” (JOREV, fev./mar. 2006, p. 16).

O perfil de Bethânia a apresenta quase igualmente em termos de sua vida privada e de sua vida pública. De sua vida privada, temos a informação da importância dos avós no seu engajamento na Igreja, que é casada e mãe de um filho pequeno, e de como foi a cerimônia de seu casamento. O texto do olho também se refere à sua vida privada, ao aprendizado pessoal

que teve ao se engajar na Igreja. Já o parágrafo introdutório e o título fazem referência à sua vida pública, ao definirem sua área de atuação profissional: a comunicação. Na última parte do perfil aparecem sua profissão e seu “emprego” (publicitária e sócia de uma produtora de vídeo). Mas considero que a vida privada toma um pouco mais de espaço na descrição de Bethânia e, portanto, enquadro seu perfil na categoria Vida Privada.

Quanto ao seu engajamento na Igreja, o perfil está na categoria Engajamento-Fórum. Bethânia, assim como Aline Zenker Pacheco (a perfilada da edição de out./nov. de 2005), é uma liderança jovem e “moderna” da Igreja, também oriunda da Juventude Evangélica. Além disso, seu atual engajamento se dá através de sua profissão, como fica claro no último parágrafo do perfil, que destaca o projeto de melhoria da comunicação da Igreja no qual Bethânia está trabalhando.

Observo também que, assim como o perfil de Aline, o de Bethânia (embora de forma bem menos intensa) toca na questão do preconceito contra as pessoas que se declaram “igrejeiras”, que freqüentam a Igreja. E me chamou atenção que, apesar de sua atuação na Igreja se dar através de sua liderança no grupo de jovens e de sua profissão, a contribuição de Bethânia para que esse preconceito diminua se dá na esfera de sua vida privada: é a cerimônia ecumênica de seu casamento que chama os amigos para conhecerem a Igreja luterana e, assim, ajuda a diminuir o preconceito em relação a esta.

Darcy Laske é caracterizado mais fortemente em termos de sua vida pública, especialmente de sua atuação profissional: apesar de ter formação em contabilidade, administração e comércio, atua na Educação, na qual ocupou cargos importantes, como a Secretaria de Educação de Santa Catarina. Sua atuação nessa área é ressaltada tanto no parágrafo introdutório quanto no título. Já no olho, aparece uma opinião sua sobre um dos cargos que ocupou na Igreja (presidente do Concílio). Seu perfil é classificado, assim, na categoria Vida Pública.

Achei curioso que haja esse destaque para sua atuação na área da Educação, já que não é através dela que se dá seu engajamento na Igreja, apesar de, como diz o texto do perfil, Darcy levar os “ideais da reforma” para a Educação. Seu engajamento, assim como o dos demais homens perfilados nas edições anteriores da *Gente Luterana*, se dá pela ocupação de cargos de natureza administrativa e diretiva. Através de um dos cargos diretivos que ocupou, de presidente do Concílio, Darcy declara que teve a oportunidade de conhecer mais de perto as diferentes linhas teológicas e os conflitos entre lideranças da Igreja, conflitos esses que não chegam às comunidades. Isso remete ao que Fiegenbaum fala sobre a divisão em duas fases do Jorev – mais próximo das comunidades e mais próximo da cúpula da Igreja. Talvez, antes

de passar para a cúpula, o Jorev fosse um meio de as comunidades serem informadas sobre esses conflitos e diferenças entre as lideranças.

Por último, observo que, na comparação entre os dois perfis, Bethânia é caracterizada mais fortemente em termos de sua vida privada do que Darcy.

5.6. Análise da edição de abr./maio de 2006

Nesta edição, são apresentados os perfis de Carolina Schulz e Orlando Amaro Hartvig.

Não é dito nada de particular, no parágrafo introdutor, sobre o engajamento deles na Igreja, a não ser que atuam em regiões brasileiras diferentes (Carolina no Sul e Orlando no Sudeste).

Acredito que Carolina está caracterizada em seu perfil mais em termos de sua vida privada. Em relação a esta, o texto menciona a perda da mãe aos 10 anos de idade, que ela é casada, que é mãe e avó, e apresenta uma opinião de Carolina acerca de seu temperamento (que sua cabeça “leva” seu corpo, que gosta de desenvolver vários projetos simultaneamente). Classifico, então, seu perfil na categoria Vida Privada. Mas ressalto que sua profissão (arquitetura) e o fato de Carolina ser bem-sucedida nela também são citados.

O engajamento de Carolina na Igreja se dá através de cargos diretivos no presbitério, no Conselho da IECLB e no Movimento Encontrão.

Mas o que ressalto em relação ao perfil é que este apresenta algumas opiniões de Carolina sobre a participação da mulher na Igreja. Aqui podemos ver claramente o questionamento feito pela equipe do Jorev acerca do que significa ser mulher e liderança na Igreja, que Susanne Buchweitz destacou como uma das perguntas feitas às perfiladas da *Gente Luterana* (ver subcapítulo 1.3 e entrevista no anexo A). Sobre o tema, Carolina diz que, quando ela começou seu engajamento na Igreja, há 30 anos, “a mulher não tinha espaço na IECLB. Na verdade, tinha pouco, e no Encontrão muito menos – a mulher era à sombra do marido [...]” (JOREV, abr./maio 2006, p. 16). Mas Carolina enfrentou essa falta de espaço e se fixou como liderança do Movimento Encontrão. O texto ainda salienta: “Carolina acredita que a mulher deve quebrar o silêncio, pois tem uma contribuição muito importante a dar: ‘só falta ela se descobrir. As barreiras devem ser rompidas’ - ressalta” (JOREV, abr./maio 2006, p. 16). Pode-se ver que Carolina compartilha as opiniões acerca da participação feminina na Igreja promovidas pelo Fórum de Reflexão da Mulher Luterana. Por isso, e pelo fato de seu engajamento se dar através de cargos diretivos na Igreja, seu perfil se enquadra na categoria Engajamento-Fórum.

Quanto a título e olho, o primeiro (“Compromisso com o evangelho e com a ação”) expressa o fato de Carolina levar esse “compromisso com o Evangelho” para sua vida profissional (fato citado no texto do perfil), e o segundo apresenta uma opinião da perfilada acerca do quanto o desenvolvimento pessoal é “inato” e do quanto é de responsabilidade individual.

O perfil de Orlando Hartvig se destaca em relação aos demais perfis masculinos por dois aspectos. O primeiro é que Orlando é descrito mais em termos de sua vida privada do que de sua vida pública, ao contrário dos demais homens retratados na seção. O texto menciona seu “jeito calmo e tranquilo”, o fato de tocar teclado e violão, de ser casado e pai de três filhos. E apenas cita que trabalha na prefeitura da cidade onde mora, no Espírito Santo. Seu perfil está, portanto, na categoria Vida Privada.

O outro aspecto que o diferencia é que seu engajamento na Igreja não se dá a partir de cargos de cunho diretivo ou administrativo, também indo contra a maioria dos homens da *Gente Luterana*. Apesar de ter sido representante de seu sínodo num encontro nacional da IECLB, a atuação de Orlando não está ligada a cargos oficiais, mas a atividades leigas “práticas”: tocar violão nos cultos, acompanhar o pastor nas visitas às comunidades, organizar eventos festivos (como a Vigília Pascal citada no texto). O perfil também cita que seu trabalho tem ênfase na missão, na conquista de novos membros (ênfase que certamente está ligada ao fato de Orlando atuar numa região, a Sudeste, em que a Igreja não está tão presente). Tanto o título (“Vivendo a missão diariamente”) quanto o olho (“Estou comprometido em levar o testemunho do Evangelho”) refletem essa ênfase no trabalho missionário.

Posso concluir, pelo que foi dito, que, neste par de perfis, tanto homem quanto mulher são caracterizados mais fortemente em relação à vida privada do que à pública.

5.7. Análise da edição de jun./jul. de 2006

Nesta edição, são apresentados os perfis de Íris Pedrotti e Gerog Karl Albert Fuchs.

O parágrafo introdutório, a exemplo da edição anterior, não dá detalhes sobre os perfilados. Destaca apenas que ambos valorizam a “construção conjunta”, que, segundo o parágrafo, é característica da igreja luterana.

Da mesma maneira que o perfil de Carolina Schulz, o de Íris também traz sua opinião acerca da participação feminina na Igreja, embora de forma mais breve que o de Carolina e sem citar diretamente a fala da perfilada. O texto destaca que Íris “considera a nossa igreja extremamente democrática, com muitos espaços para a participação das mulheres e das

lideranças leigas” (JOREV, jun./jul. 2006, p. 16). E afirma que a própria Íris é um exemplo desta participação feminina, citando que ela faz parte do grupo de mulheres, é presidente da sua comunidade (Cuiabá), 2ª vice-presidente da Assembléia Sinodal e vice-presidente do Concílio da Igreja. Pelos tipos de cargos que ocupa – diretivos, de prestígio – classifico seu perfil na categoria Engajamento-Fórum.

Já em relação ao tipo de caracterização que o perfil faz de Íris, a categoria é Vida Privada. Logo na primeira frase ela é caracterizada em termos familiares: esposa, mãe de quatro filhos (além de professora aposentada). O texto também menciona que ela tem “pouca altura” e “esbanja disposição, alegria e conhecimento de causa a falar do envolvimento com a Igreja” (JOREV, jun./jul. 2006, p. 16).

O olho do perfil, “Liberdade e compromisso, isso é muito importante para mim”, destaca uma citação de Íris, presente no texto do perfil, que expressa seus valores de vida.

Por fim, acho interessante observar que o título do perfil sugere uma ligação que não está presente no texto: “Acolhida: contribuição feminina para nossa igreja”. De acordo com esse título, a atuação da mulher na igreja seria a de acolher novos e antigos membros, certamente uma participação feminina que está em conformidade com a divisão tradicional do trabalho religioso. Íris cita essa acolhida aos membros, especialmente aos novos, como uma tarefa importante da Igreja, mas não a define como uma tarefa feminina. O título, assim, parece fazer uma junção de dois aspectos do perfil de Íris que não estavam conectados, criando um sentido estranho ao que se diz sobre a perfilada.

Georg Fuchs, assim como Orlando Hartvig, é caracterizado mais marcadamente em termos de sua vida privada. O texto diz que ele nasceu na Alemanha e veio para o Brasil com seis anos de idade, que é casado, pai de nove filhos, 26 netos e três bisnetos, e ressalta que é muito observador e que foi sua vontade de aprender que o fez trabalhar com o computador (aos 84 anos de idade). Suas profissões são citadas (é auditor e tradutor), mas a categoria de seu perfil é Vida Privada. Observo ainda que, assim como Orlando, seu engajamento na Igreja se dá não através de cargos diretivos/administrativos, mas através de uma atuação mais prática. Isso fica claro quando o texto afirma que Georg orgulha-se de ser um pregador leigo e quando destaca que ele “sempre se relacionou bem com as lideranças de nossa igreja, oferecendo sua contribuição, seu olhar e suas idéias a partir da *vivência prática*” (JOREV, jun./jul/ 2006, p. 16, grifo meu). A citação de uma fala de Georg que constitui o olho também ressalta sua crença no trabalho prático, junto à comunidade, em oposição ao trabalho de gabinete: “As coisas não acontecem de cima para baixo, mas nascem e ganham força nas

bases”. O título, “Testemunho, pregação e muita disposição”, refere-se às suas atividades junto à Igreja e também fora dela.

Na comparação entre os perfis de Georg e Íris, não se nota uma maior caracterização de Íris em termos de vida privada – ambos têm esse aspecto ressaltado nos textos.

5.8. Análise geral

Feitas as análises individuais dos perfis da seção *Gente Luterana* dos exemplares do Jorev constituintes do *corpus*, resta-me quantificar as unidades de registro de acordo com as categorias propostas.

Em relação aos perfis femininos, podemos ver que cinco se enquadram na categoria Vida Privada, e dois, na Vida Pública. Para os perfis masculinos, o resultado é oposto: cinco estão na categoria Vida Pública, e dois, na Vida Privada. Ou seja: as mulheres, nos exemplares da *Gente Luterana* analisados, são caracterizadas em termos de sua vida privada e relações familiares mais marcadamente do que os homens.

Em relação ao segundo tipo de categoria proposto, vemos que cinco dos perfis das mulheres são classificados na categoria Engajamento-Fórum, e dois, na Engajamento-OASE. Conclui-se, então, que as mulheres retratadas pela seção estão mais próximas da condição e participação femininas promovidas pelo Fórum de Reflexão da Mulher Luterana do que das promovidas pela OASE.

Noto que não se pode identificar apenas um engajamento feminino destacado pelo Jorev através da *Gente Luterana*. Pelo que se pôde ver nas análises individuais, a seção promove uma diversidade de engajamentos femininos na Igreja: na OASE, no grupo de jovens, em cargos diretivos e administrativos, nas escolas luteranas, em atividades leigas ligadas ao seu relacionamento familiar (caso da “esposa de pastor”), etc. São ressaltados vários espaços sociais oferecidos pela Igreja para a articulação dos desejos e da vida das mulheres (ROSADO-NUNES, 2005).

Já no caso dos homens, pode-se ver o destaque do engajamento masculino ligado a cargos diretivos/administrativos: cinco dos sete perfilados têm esse tipo de engajamento. Lembro, aqui, a afirmação de Fowler (já salientada no capítulo 3) de que a aparição, nos discursos jornalísticos, de um grande número de expressões que mencionam categorias sociais poderosas e colocam os homens como incumbidos dessas categorias implicitamente sugere que essa é a ordem natural das coisas (FOWLER, 1991). Isso também pode acontecer em relação aos homens engajados na Igreja Luterana: pode-se ter a impressão, ao ler as sete

edições da *Gente Luterana*, que é natural que os homens ocupem cargos diretivos/administrativos na IECLB.

Quero destacar, por último, uma característica comum a todos os perfis, tanto masculinos quanto femininos. Além de destacarem as formas de engajamento possíveis na Igreja, e de que é viável conciliar vida profissional/familiar com trabalho na Igreja (cumprindo o objetivo de estimular lideranças), os textos traziam “elogios” dos perfilados à Igreja – à sua democracia, às várias possibilidades de “testemunhar o evangelho” que oferece, à suas linhas teológicas definidas, etc. Creio que isso vai ao encontro da caracterização que Fiegenbaum faz em relação aos objetivos do Jorev quando este foi criado: “[...] o jornal deveria atuar no *fortalecimento da unidade* da igreja e *conquistar simpatizantes* fora do âmbito da própria igreja” (FIEGENBAUM, 2006, p. 111). Penso, assim, poder inferir que, além do objetivo de estimular membros da Igreja a se tornarem lideranças, a seção *Gente Luterana* também cumpre com o objetivo de angariar simpatizantes e, quem sabe até, novos membros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar como as mulheres são representadas no Jornal Evangélico Luterano (Jorev), em uma de suas seções, a *Gente Luterana*. Para tanto, foi realizada a análise de sete edições da seção, de junho/julho de 2005 a junho/julho de 2006, abrangendo um ano de Jorev. As análises foram realizadas levando-se em conta o enfoque dos estudos de gênero, a trajetória e os objetivos do Jorev, a participação e a condição femininas na IECLB e uma visão de como as mulheres são retratadas na imprensa escrita.

Para possibilitar o cumprimento do objetivo, o trabalho foi dividido em quatro capítulos principais. O primeiro, por sua vez, foi subdividido em quatro partes. Na primeira parte, foi apresentada uma breve descrição da história da formação da IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, a partir das informações contidas no site da instituição. Na segunda, foi descrito o processo de criação do Jorev, os objetivos da IECLB ao criá-lo e as funções que a ele foram delegadas, além de defini-lo em termos de periodicidade, tipo de venda (por assinatura) e tiragem. Para tanto, foi utilizada a dissertação de mestrado de Ricardo Zimmermann Fiegenbaum (2006). Em seguida, foi feita uma breve descrição da seção do Jorev analisada, a *Gente Luterana*, a partir das informações fornecidas pela jornalista Susanne Buchweitz, responsável pelo Jorev quando a seção foi criada. Na quarta e última subdivisão, procedeu-se a uma caracterização da condição feminina na IECLB, a partir de dois grupos que promovem a participação da mulher na Igreja – a OASE (Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas) e o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana –, tomando-se como base a tese de doutorado de Gabriele dos Anjos (2005).

No segundo capítulo, foi feito um apanhado de conceitos e noções sobre o gênero, a partir, principalmente, de duas autoras, Joan W. Scott (1995) e Teresa de Lauretis (1994). Também é apresentada uma visão de como as mulheres são representadas nos jornais, através dos trabalhos de Roger Fowler (1991) e Maria de Fátima Cabral Barroso de Oliveira (2005).

O capítulo seguinte procedeu a uma apresentação da metodologia utilizada para realizar a análise do *corpus* de pesquisa, que foi a análise de conteúdo, levando-se em conta as definições de Albert Kientz (1973) e Wilson Corrêa da Fonseca Júnior (2005) acerca deste método. O objetivo principal do trabalho foi esmiuçado em dois elementos a serem investigados: se as mulheres perfiladas na seção são mais fortemente caracterizadas em termos de sua vida privada do que os homens perfilados, e se seu engajamento na Igreja se aproxima do tipo de condição e participação femininas promovidas pela OASE ou pelo Fórum de Reflexão da Mulher Luterana.

No quarto e último capítulo, foi feita a análise em si das edições da *Gente Luterana* selecionadas. Chegou-se à conclusão, pelo conjunto dessa análise, de que as mulheres, nos exemplares da *Gente Luterana* analisados, são caracterizadas em termos de sua vida privada e relações familiares mais marcadamente do que os homens, e também de que elas estão mais próximas da condição e participação femininas promovidas pelo Fórum de Reflexão da Mulher Luterana do que das promovidas pela OASE. Notou-se que as mulheres não são retratadas de maneira uniforme pela seção, a qual não privilegia um único tipo de engajamento feminino na Igreja, mas sim apresenta, através dos perfis, uma diversidade deles.

Quero lembrar, aqui, o alerta de Fowler acerca dos textos jornalístico, de que eles não devem ser entendidos como um mero reflexo da realidade, mas sim “como o resultado de um processo de criação e interpretação social, atravessado por relações de poder” (CABRAL BARROSO DE OLIVEIRA, 2005, p. 58).

Destaco particularmente, neste sentido, a questão do objetivo com que os perfis foram escritos. Já pelo fato de os perfis das mulheres e dos homens da *Gente Luterana* terem sido escritos com o objetivo de angariar lideranças e fomentar o engajamento na igreja, eles não devem ser percebidos como neutros, pois, certamente, o/a autor/a ressaltou e deu peso maior aos elementos que iam ao encontro desses objetivos. Com isso, não quero dizer que os perfis sejam “falsos” ou mesmo imprecisos, mas apenas que eles servem aos objetivos aos quais a seção se propõe, e por isso não podem ser encarados como meros reflexos da realidade, como bem alertou Fowler.

Creio que essa noção me possibilita uma breve reflexão sobre a diversidade de espaços de engajamento feminino na Igreja apresentados pela seção *Gente Luterana* nas edições do Jorev analisadas: o fato de a seção retratar essa diversidade não quer dizer que ela funcione exatamente da mesma maneira na realidade. Como mulher luterana, observo que a diversidade de espaços existe, mas que a atuação feminina na Igreja, em geral, ainda se restringe a poucos deles, sendo que o mais visível, como bem disse Susanne Buchweitz (ver entrevista no anexo A), é a OASE. Creio que, apesar de todo o ambiente “democrático” e de “diversidade” que a IECLB procura promover em relação à condição feminina, a participação da mulher na Igreja ainda está, em sua maior parte, regida pela divisão tradicional do trabalho religioso identificada por Gabriele dos Anjos, em que os homens pensam o trabalho das mulheres e elas executam o papel de manutenção do conforto físico da Igreja e de seus membros de acordo com o determinado pelos homens.

Por fim, gostaria de esclarecer que este trabalho não se pretende exaustivo quanto à questão da representação da mulher no Jorev. Ele procura ser somente uma contribuição para

a investigação do tema, e pode ser tomado como um ponto de partida para outras pesquisas mais amplas.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Gabriele dos. **“Mulheres todas santas”**: participação de mulheres em organizações religiosas e definições de condição feminina em igrejas cristãs no Rio Grande do Sul. 2005. 458 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- BAESKE, Sibyla. Dez anos despertando solidariedade. In: BAESKE, Sibyla (Org). **Mulheres desafiam as Igrejas cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CABRAL BARROSO DE OLIVEIRA, Maria de Fátima. **A Mídia e as Mulheres: Feminismos, Representação e Discurso**. 2005. 144p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês, Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. [arquivo em PDF fornecido pela autora]
- FIGENBAUM, Ricardo Zimmermann. **Midiatização do campo religioso e processos de produção de sentido. Análise de um conflito anunciado: o caso do Jornal Evangélico da IECLB**. 2006. 251 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006.
- FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- FOWLER, Roger. **Language in the News: Discourse and Ideology in the Press**. London/New York: Routledge, 1991.
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JORNAL EVANGÉLICO LUTERANO**. Porto Alegre. Edições de jun./jul. 2005 a jun./jul. 2006, n. 681 a 687.
- KIENTZ, Albert. **Comunicação de Massa**. Análise de Conteúdo. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.
- LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e Impasses**: O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.
- ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e a experiência religiosa das mulheres. In: MUSSKOPF, André S. e STRÖHER, Marga J. **Corporeidade, etnia e masculinidade**: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p.13-28.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

ANEXOS

Anexo A
Entrevista com Susanne Buchweitz

Transcrição da entrevista gravada em 18 de maio de 2007.

Raquel Sander: Como surgiu a idéia de fazer a seção Gente Luterana?

Susanne Buchweitz: A gente estava, justamente, fazendo várias ações para tornar o jornal mais atraente. Quando eu entrei... acho que foi em 2002 ou 2003... uma das coisas que a gente fez foi olhar a parte gráfica e mudar o design gráfico. E daí, depois disso, foram pensadas várias coisas, de como se poderia melhorar a leitura do jornal; porque ele é vendido, ele é por assinaturas. Então, a *Gente Luterana* surgiu depois de várias pequenas mudanças na parte editorial. Quem teve a idéia [da seção] foi a jornalista Caroline Strüßmann [assessora de comunicação da Secretaria Geral e da Presidência da IECLB]. E a gente queria que o jornal tivesse cada vez mais a cara do leitor, então a *Gente Luterana* justamente buscou... a idéia era retratar pessoas, lideranças da Igreja Luterana e que fossem leitores do jornal também, que conhecessem o jornal.

R. S.: Uma coisa que me chamou atenção é que não teve nenhum aviso de que haveria a nova seção nos dois exemplares anteriores...

S. B.: Pois é, eu não me lembro disso... Talvez porque, como ele [o Jorev] estava sendo feito de dois em dois meses, a gente se sentia meio confortável de estar mudando as coisas... E, na verdade, foi uma seqüência de mudanças, então acho que os leitores estavam começando a ficar acostumados... Na verdade, acho que os leitores nunca se acostumaram muito, mas... sempre foi um jornal muito dinâmico, especialmente nos últimos anos, em que a gente estava tentando acertar as coisas. Então, se tirou coisas, se colocou coisas... Mas, talvez tu tenhas razão, eu não me lembro que a gente tivesse feito um aviso, ou preparado alguma coisa. A gente sentou, decidiu a partir de... Na verdade, a decisão também não foi tão “de gabinete”, assim. Tinha umas pesquisas e algumas coisas que foram feitas há anos atrás. Por exemplo, sobre a página em alemão. Ela saiu, depois a gente retomou, a partir de pesquisas feitas com os leitores. Então a decisão também foi embasada um pouquinho no quê as pessoas estavam querendo ver no jornal.

R.S.: Tu te lembras quando essas pesquisas foram feitas?

S. B.: Não... elas foram feitas uns dois ou três anos antes [do começo da *Gente Luterana*]. Elas estavam prontas antes da minha entrada no Jorev. Além disso, como a Carol [Caroline Strüßmann] estava circulando muito, participando muito de reuniões, seminários... ela participou dos dois grandes encontros nacionais da Igreja, ela participava do Conselho, dos encontros dos conselheiros, ela estava muito perto, coletando informações e impressões, muito perto dos leitores. Então, isso também nos ajudou.

R. S.: Deixa eu confirmar uma informação: quando falei com a Caroline e com o administrador do Jorev, eles disseram que o jornal sempre foi mais voltado para as lideranças da Igreja do que para o leitor em geral, especialmente nos últimos anos, desde 2004.

S. B.: É. O jornal teve, nos últimos anos, quando eu entrei, depois a Carol também [Caroline Strüßmann passou a ser a jornalista responsável pelo Jorev a partir da edição de fevereiro/março de 2006]... A gente estava tentando fazer com que o jornal fosse uma ferramenta de trabalho, mais do que simplesmente um portador de notícias, digamos assim, ou

um divulgador. Ele é o jornal oficial da Presidência e da Secretaria Geral, mas... tem outros instrumentos, tem um boletim informativo, tem coisas periódicas que saem bem oficiais da Secretaria Geral. E o jornal, também, como estava saindo de dois em dois meses, a gente não tinha como fazer dele uma coisa de notícia, porque não fazia sentido. Então a gente realmente tentou focalizar bem: vai ser um instrumento de trabalho. Então, o que ele tem que ter, e a quem ele deve estar servindo? É às lideranças, mesmo. E, claro, daí tu pegas as pessoas que estão assinando, nem todo mundo que lê o jornal é liderança. Mas a proposta é que ele servisse mesmo como uma ferramenta de trabalho, numa reunião de grupo, num estudo bíblico...

R. S.: A idéia de colocar sempre um homem e uma mulher na Gente Luterana foi uma idéia consciente, quero dizer, foi de propósito?

S. B.: Foi, foi uma idéia consciente. Na nossa concepção, as mulheres têm um espaço na Igreja, e eu acho que ainda acontece assim, muito confinado à OASE [Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas]. Tem grupos de mulheres muito fortes, mas, o que se reconhece, em termos de visibilidade, é a OASE, quando se fala de mulheres. Então, eu acho que foi muito consciente de que sempre teria que se ter uma mulher, mas também um homem, para justamente estar tentando fazer alguma coisa em termos de igualdade de gênero, ainda que, na Igreja, não exista essa igualdade de gênero, e a gente sabe disso. Daí, a gente achou que esse *Gente Luterana*, trazendo vários exemplos de mulheres, ao lado de homens, mas de mulheres não só da OASE, também de outros grupos, poderia, de alguma forma... uma coisa meio de sonho, assim, estar incentivando, e mostrando para as mulheres que elas estão lado a lado [aos homens], ou que elas poderiam estar lado a lado... neste espaço que não existe ainda na Igreja. Seria uma coisa assim, um sonho de futuro de ser 50%-50%. Porque na Igreja tem essas coisas, nos organismos internacionais ecumênicos, tem sempre o cuidado com a questão de gênero, etnia, etc., sempre tem um percentual de vagas que tem que ser para mulheres. Eu não gosto dessa idéia do percentual, mas que acho que ela é importante numa fase inicial, porque ela permite criar espaços para que surjam pessoas de qualidade. Não acho que, só porque tu és mulher, tu és necessariamente uma pessoa inteligente e que tenha competência. Mas acho que muitas mulheres têm competência e não têm canais para chegar a lugares de visibilidade. A idéia era por aí... Só que a gente queria logo 50%-50%. Mas acho também que era meio que uma divisão gráfica, a página pela metade.

R. S.: Quais eram os critérios para selecionar os homens e as mulheres que seriam perfilados?

S. B.: A gente sempre tinha reuniões de pauta, e essas reuniões não eram só entre a Carol e eu, mas também com a participação do secretário-geral, do assessor da Presidência, do pessoal da Secretaria Geral. Com essas andanças da Carol, e eu também tenho um bom contato com pessoas da Igreja, a gente estava mais ou menos atenta a que mulheres estavam despontando no quê, digamos assim. Então, a gente começou pelas pessoas mais óbvias, mas, depois, foi muito por indicação. A gente procurava falar com o pessoal da OASE, daí o pessoal da presidência falava: “ah, tem essa pessoa, que é maravilhosa, que faz um trabalho muito legal, que está há 50 anos fazendo esse trabalho, e que é super *low profile*... então essa seria uma pessoa interessante”. Também era isso, um pouco: essa coisa de visibilidade de pessoas que estavam trabalhando há muito tempo, fazendo coisas voluntárias... e eu também tenho uma certa reserva em termos de trabalho voluntário para a Igreja, mas acho que, nesse caso, faz muito sentido... Acho que era assim: primeiro, a gente sentava, via se tinha alguns nomes que

nós conhecíamos e também a gente ligava para lideranças que a gente conhecia, e fazíamos uma seleção de nomes e íamos atrás.

R. S.: O critério era alguém que se destacasse como liderança?

S. B.: É

R. S.: Não importando em que área fosse?

S. B.: Em que área fosse, claro, em atividades dentro da Igreja.

R. S.: Não importava se era da OASE ou não...

S. B.: Não, não... Talvez, até com o tempo, a gente fosse mais adiante... Como o jornal era de dois em dois meses, era pouca coisa, tinha muito mais nomes do que a gente poderia estar atendendo. Talvez, a idéia fosse, depois, procurar mulheres lideranças luteranas que estivessem na sociedade civil. Mas a gente começou no espaço Igreja porque a idéia era também... Liderança, hoje em dia, é uma coisa muito difícil, todo mundo diz “não tem lideranças, as lideranças estão morrendo”... então, também despertar... Por isso que, se tu fores ver, tem uma [perfilada da *Gente Luterana*] muito jovem, não é uma questão de idade. Tem uma moça que a gente fez [o perfil] que é da Juventude. Então, a gente realmente queria estar prestando um serviço, dizer “olha, tem espaço na Igreja para as mulheres, dá para ser liderança, olha como é simples... ela tem pai, ela tem mãe, ela tem filho, ela tem trabalho e ela faz um trabalho muito legal na Igreja”.

R. S.: E em relação aos homens era mesma coisa?

S. B.: Era a mesma coisa, isso.

R. S.: Depois vocês até colocaram um box na página da seção pedindo para os leitores indicarem pessoas que merecessem ser perfiladas...

S. B.: É, depois a gente colocou, pedindo indicação.

R. S.: O que vocês procuravam destacar da vida das pessoas?

S. B.: Era como qualquer perfil que tu faças em termos jornalísticos. Tu perguntas sobre pai, mãe, família, vida... aí entrava a parte de qual era o envolvimento com a Igreja, há quanto tempo estava trabalhando com a Igreja, o que fazia, como tinha chegado nessa coisa da liderança... o que significava ser mulher e ser liderança na Igreja, o que poderia dizer para outras mulheres. Acho que eram basicamente essas as perguntas que a gente fazia.

R. S.: E em relação aos homens?

S. B.: A mesma coisa.

R. S.: Vocês perguntavam o que significava ser homem e ser liderança na Igreja?

S. B.: O que significava ser liderança na Igreja... Porque, assim... o que também acontece é que as pessoas cada vez menos querem assumir cargos porque demanda muito tempo. Então,

a gente também queria mostrar que aquela pessoa... e muitos [dos perfilados] não são aposentados, muitos têm uma vida profissional ativa. Então, também isso, assim... Talvez, na mulher, a gente focasse mais o fato de ela ser mulher, porque tem preconceito. Mas, no homem, e também na mulher, focávamos o que significava ter essa parte de doação voluntária de tempo, porque o tempo é uma coisa cada vez mais difícil, mas tem pessoas que conseguem ainda... e o que significava conciliar o tempo de voluntário na Igreja e o tempo de profissional. E, no caso da mulher, a gente ainda perguntava o que significava ser mulher e liderança. No caso do homem, era mais o que significava ser liderança conciliando o tempo de liderança e de profissional. Então, sim, tinha perguntas, tinha coisas diferentes para as mulheres, porque não é igual, não é 50%-50%.

R. S.: Um dos objetivos da seção era, então, estimular os leitores a se engajarem na Igreja, era um dos objetivos primordiais?

S. B.: Sim, é aquilo que eu te falei: mostrar para as pessoas que não são lideranças que não é um monstro de sete cabeças tu te engajares na Igreja, que, sim, demanda tempo, mas que tem muitas pessoas bacanas que estavam fazendo e que estão fazendo e que trabalham, que não são aposentados, não são donas de casa. Eu acho que é muito coisa da OASE, né, tu és dona de casa, então tu podes ser uma mulher engajada na OASE. Ali tinha outras mulheres e outros homens, que trabalhavam [como profissionais] e também trabalhavam voluntariamente para a Igreja.

R. S.: E tinha algum critério específico para o olho dos perfis?

S. B.: A gente colocava uma frase que, também, dentro dessa política da *Gente Luterana*, fizesse isso de chamar atenção para o fato de ser possível ser liderança, de que não é tão complicado, ou coisas que emocionavam as pessoas – e que me emocionavam muito também –, dentro disso, a gente escolhia o olho.

Anexo B

Estrutura da IECLB

1. Estrutura e organização / atuação

In: Estrutura e organização / atuação. Disponível em:

<http://www.luteranos.com.br/categories/Luteranos/Estrutura-e-organiza%E7%E3o-%7B47%7D-atua%E7%E3o/>. Acesso em: 07 jun. 2007.

2. Os quatro ministérios

In: Estatuto do Ministério com Ordenação. Disponível em:

<http://www.luteranos.com.br/attachments/Documentos/Estatuto%20do%20Ministerio%20com%20Ordenacao%20-%20EMO.doc>. Acesso em: 07 jun. 2007.

Estrutura e organização / atuação

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil está organizada em Comunidades. São mais de 1800 por todo o Brasil. É às Comunidades que os membros da IECLB estão filiados.

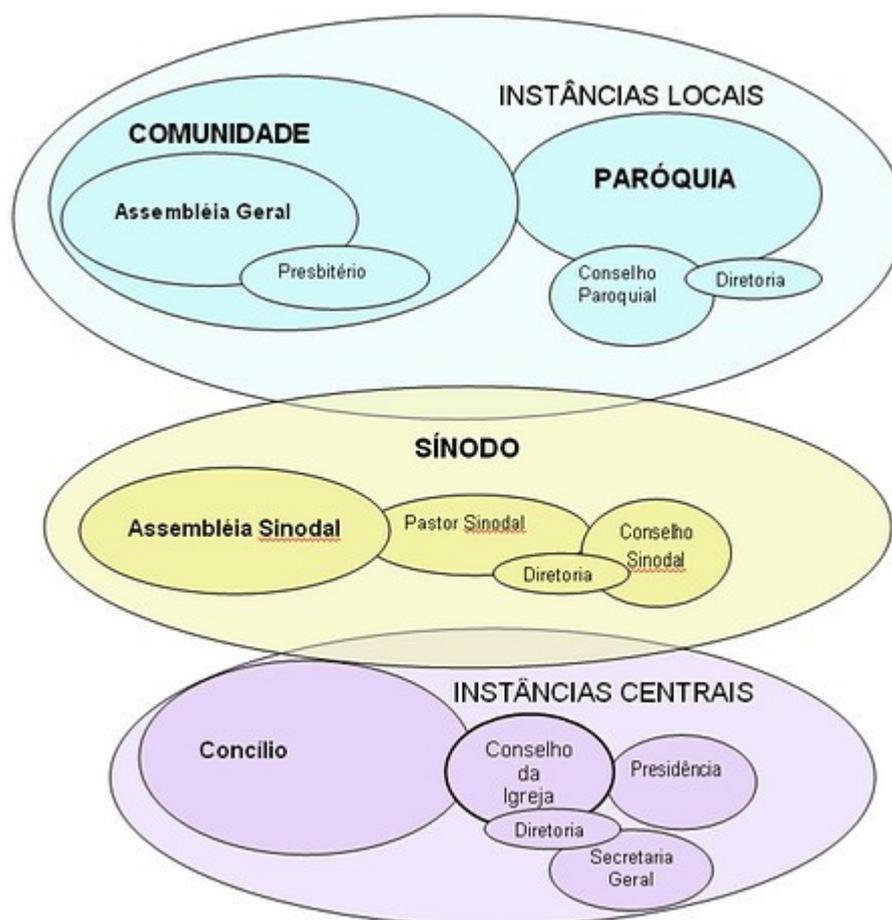
Muitas das Comunidades da IECLB se reúnem numa estrutura administrativa, a que chamamos de Paróquia. Através dela, as Comunidades escolhem seu obreiro ou obreira e planejam as iniciativas.

Para planejar a ação da Igreja numa região, as Comunidades e Paróquias se organizam em Sínodo. Hoje a IECLB é formada por 18 Sínodos que abrangem todo o território brasileiro. A concentração maior de Sínodos acontece mais no Sul e Sudeste, pois nessas regiões existe um maior número de membros.

A unidade de ação dos 18 Sínodos é buscada através dos órgãos centrais. Um deles é o Concílio, que reúne, através dos Sínodos, os representantes das Comunidades, e estabelece as linhas de ação para toda a Igreja.

Em todos os níveis existem conselhos, bem como autoridades administrativas e eclesiais. As autoridades administrativas, nos diversos níveis, são os e as Presidentes, todos eles leigos. Em nível local as autoridades eclesiais são os Coordenadores Ministeriais, no nível sinodal, os Pastores e Pastoras Sinodais e, em nível nacional, a Presidência, que é exercida de forma compartilhada pelo Pastor ou Pastora Presidente e os Pastores ou Pastoras Vice Presidentes.

Organograma:



<u>Comunidade</u>	<u>Assembléia Geral</u>	<u>Presbitério</u>
Comunidade é a célula menor da estrutura da	É o órgão máximo da Comunidade. É espaço	É a instância que responde pela execução das decisões

IECLB. A Comunidade é administrada por um Presbitério e recebe assistência espiritual de um pastor ou de uma pastora.	para diálogo, discussão e decisão sobre todos os assuntos relacionados com a vida, missão e administração da Comunidade.	da Assembléia e garante a continuidade do trabalho em todos os setores.
<u>Paróquia</u> A paróquia coordena o trabalho de uma ou mais comunidades. Ela é responsável perante os órgãos superiores pela administração geral e pela realização correta do trabalho na área da paróquia.	<u>Conselho Paroquial</u> É a instância que incentiva, supervisiona e promove o trabalho da Igreja na área da Paróquia. Elege o obreiro ou a obreira para os campos de atividade ministerial no âmbito paroquial.	<u>Diretoria Paroquial</u> É o órgão que executa as decisões do Conselho Paroquial. Zela pelo patrimônio da paróquia, pela realização do trabalho e pelo cumprimento das obrigações das Comunidades para com a Paróquia, o Sínodo e a IECLB.
<u>Coordenador Ministerial</u> É o obreiro ou obreira que coordena o trabalho da Igreja na área da Paróquia. É quem responde pelo registro das atividades da Igreja na Paróquia e que a representa perante outras Igrejas e entidades ecumênicas.	<u>Sínodo</u> O Sínodo é a IECLB descentralizada. É o conjunto de Comunidades e Paróquias existentes em uma determinada área geográfica. O Sínodo tem a responsabilidade de planejar e coordenar o trabalho da Igreja na sua área e de executar as decisões e metas decididas pelo Concílio.	<u>Assembléia Sinodal</u> É o órgão máximo no Sínodo. É o lugar para diálogo, comunhão, discussão e decisão sobre todos os assuntos relacionados com a missão e a vida da Igreja na área do Sínodo. Elege o Pastor ou a Pastora Sinodal, os delegados e delegadas do Sínodo ao Concílio, o representante no Conselho da Igreja. Indica candidatos para a Presidência do Concílio e da IECLB.
<u>Pastor ou Pastora Sinodal</u> É o responsável pela supervisão do trabalho da Igreja na área do Sínodo, pelo acompanhamento aos obreiros e obreiras. Em conjunto com o Conselho Sinodal é o guia espiritual, zela pela unidade de orientação doutrinária e pastoral e promove o aprofundamento teológico e prático dos obreiros e colaboradores.	<u>Conselho Sinodal</u> É o órgão representativo das Comunidades, Paróquias e setores do Sínodo a quem cabe planejar, incentivar e promover o trabalho da Igreja na área do Sínodo.	<u>Concílio</u> É o órgão máximo de decisão na IECLB. Decide a linha de atuação da Igreja em todo o território brasileiro. Decide e legisla sobre toda e qualquer matéria de interesse da Igreja.
<u>Conselho da Igreja</u> É órgão deliberativo e de fiscalização. Exerce o controle das atividades	<u>Presidência</u> É exercida de forma compartilhada pelo Pastor Presidente, 1º Vice e 2º	<u>Diretoria do Conselho da Igreja</u> É a instância que discute sobre qualquer assunto que

<p>administrativas da IECLB e decide sobre conflitos de caráter normativo, de acordo com o que determina a Constituição da IECLB.</p>	<p>Vice-Presidentes. Coordena a atividade da IECLB, zelando por sua unidade e identidade confessional. Manifesta-se publicamente em nome da IECLB. Ordena obreiros e obreiras. Exerce a representação da IECLB junto a outras Igrejas, entidades ecumênicas, órgãos governamentais e civis.</p>	<p>cabe ao Conselho da Igreja, a não ser aqueles que são de competência somente do Conselho da Igreja.</p>
<p><u>Secretaria Geral</u></p> <p>É o órgão executivo da administração da IECLB. Cabe-lhe resolver as questões administrativas e a execução do orçamento geral da Igreja, observando as decisões do Concílio e do Conselho da Igreja, de acordo com a Constituição da IECLB e seus demais documentos.</p>		

Observação: obreiros ou obreiras são as pessoas ordenadas em algum dos quatro ministérios ordenados, ou seja, são os pastores/as, diáconos/diaconizas, missionários/as e catequistas.

O ESTATUTO DO MINISTÉRIO COM ORDENAÇÃO se refere aos ministérios específicos, criados pela IECLB e que são o ministério pastoral, o catequético, o diaconal e o missionário. Estes são os ministérios com ordenação, cujo campo de ação se estende por toda a IECLB e para além dela.

Seção II *Aspectos Específicos*

Art. 12. Aos diversos ministérios são atribuídas áreas de atuação precípua, ainda que não exclusivas, havendo, no que diz respeito às incumbências fundamentais, igualdade entre todas as obreiras e obreiros ordenados, observado o disposto no art. 3º, do Regimento Interno da IECLB.

Art. 13. O exercício do ministério pastoral consistirá no testemunho da palavra de Deus a serviço da comunhão em Cristo, visando promover o amadurecimento da comunidade, capacitando-a para dar razão de sua fé e para integrar diferenças, cabendo-lhe especial responsabilidade:

I - na pregação da palavra, na condução da liturgia e na administração dos ofícios, observada a confessionalidade da IECLB;

II - na administração dos sacramentos;

III - no ouvir da confissão e na proclamação do perdão;

IV - na condução e formação teológica da comunidade;

V - no aconselhamento, na visitação e na reconciliação das pessoas;

VI - na organização de promoções especiais de ordem teológica, ecumênica ou cultural.

Art. 14. O exercício do ministério catequético tem como específico a educação cristã e consistirá no testemunho do evangelho mediante ensino, instrução, ação pedagógica e discipulado permanente das pessoas, cabendo-lhe especial responsabilidade:

I - na orientação catequética de grupos, particularmente famílias, crianças, jovens, idosos, casais;

II - na educação cristã em atividades como a escola dominical, o culto infantil, o ensino confirmatório e os grupos de jovens;

III - no ensino religioso escolar;

IV - na representação da comunidade junto às escolas;

V - na formação e capacitação teológica e pedagógica dos pais, visando o ensino da palavra de Deus aos filhos e a vivência do evangelho em família e sociedade;

VI - em cursos para novos membros, promoção e coordenação de eventos que visem a formação continuada dos membros, bem como a preparação e capacitação de grupos;

VII - na atuação e assessoria em outros contextos educacionais, tais como departamentos, setores de trabalho, centros de formação, instituições públicas e eclesiais.

Art. 15. O exercício do ministério diaconal consistirá no testemunho prático da fé cristã e se expressará através do serviço à pessoa, visando a sua cura e o bem-estar integral, cabendo-lhe especial responsabilidade:

I - no incentivo à prática do amor e no serviço à pessoa necessitada;

II - no despertamento e na promoção de uma espiritualidade diaconal entre os membros;

III - na criação de grupos de solidariedade ou de serviço na comunidade;

IV - em atividades diaconais desenvolvidas em instituições diaconais, a exemplo de hospitais, ancionatos, creches;

V - nos movimentos ecumênicos em proteção à dignidade humana ou em favor de causas justas, apoiadas pela comunidade;

VI - em iniciativas da comunidade que visem prevenção e cura do sofrimento humano e a eliminação de suas causas;

VII - na implementação de projetos de apoio social.

Art. 16. O exercício do ministério missionário consistirá no testemunho e no ensino do evangelho para além dos espaços geográficos, culturais e sociais de atuação já constituídos da IECLB, com o objetivo de despertar fé e de constituir comunhão, cabendo-lhe especial responsabilidade:

I - na criação e edificação de comunidade evangélica em campos de trabalho missionário da IECLB;

II - na abertura de frentes missionárias em lugares em que a IECLB ainda não esteja presente;

III - na administração dos sacramentos no processo de edificação de comunidade em áreas missionárias.

IV - em atividades consideradas missionárias pela comunidade, paróquia, sínodo ou IECLB;

V - no avivamento e reavivamento de comunidades por evangelização;

VI - no incentivo e na capacitação à atuação missionária, através de uma espiritualidade voltada ao testemunho cristão;

VII - na promoção de eventos que visem estimular o espírito missionário nos diversos âmbitos da IECLB, em concordância com as instâncias competentes da IECLB;

Parágrafo único. As atividades exercidas nos campos de trabalho missionário serão acompanhadas e avaliadas pelas instâncias competentes da IECLB, de acordo com o seu planejamento missionário.

Anexo C
Gente Luterana, jun./jul. 2005
In: JOREV, jun./jul. 2005, n. 681

GENTE LUTERANA

Justiça é decorrência do Evangelho

Filho de pequenos agricultores, Ellemar Wojahn, 49, saiu com 13 anos de Tucunduva - RS, para estudar no antigo Instituto Pré-Teológico em São Leopoldo. "O sonho dos meus pais era ver os filhos estudarem", relembra. Depois do IPT foi para a Unisinos, onde cursava Ciências Físicas e Biológicas. "Trabalhava durante o dia na Gráfica Rottermund e à noite, estudava." Mas o grande sonho era fazer Agronomia e, desta forma, Ellemar foi parar na cidade de Pelotas, onde se formou como engenheiro agrônomo na Universidade Federal em 1981.

No ano seguinte - já casado com a colega de faculdade Rita Surita, Ellemar candidatou-se para uma vaga no Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor - Capa, criado pela antiga Região IV da IECLB. Foi coordenador do Capa durante 17 anos, até 1999, quando assumiu a Coordenadoria Regional da Secretaria Estadual da Agricultura. Em 2001, assumiu a Secretaria de Desenvolvimento Rural na prefeitura de Pelotas e em 2005, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento de São Lourenço do Sul.

"Os meus pais sempre foram de ajudar os vizinhos. Eu nasci e cresci num ambiente comunitário, onde os agricultores ajudavam uns aos ou-

tros. Situações de injustiça me chamavam atenção", conta Ellemar. O fato de estudar no Instituto Pré-Teológico contribuiu para transformar a idéia da justiça em um ideal. "No IPT, entendi que Justiça é decorrência do Evangelho", disse.

Ellemar sempre teve a visão de contribuir com os pequenos agricultores empobrecidos. O trabalho no Capa e sua vida político-partidária foi neste sentido. "Trabalhar pelos excluídos foi uma opção de vida, possível graças à comunhão de pensamento com a Rita - foi uma opção do casal", avalia. O casamento de 25 anos foi abençoado com três filhos - Guilherme, 21, trabalha no Banco do Brasil e cursa Administração de Empresas, Carolina, 19, faz Direito e Elias, 16, estuda no colégio Sinodal Alfredo Simon em Pelotas.

Decidido a enfrentar novo desafio - vai concorrer a deputado estadual nas próximas eleições - Ellemar considera que a IECLB mantém um ambiente de democracia. "Logicamente que a opção partidária - no meu caso, pelo PT - traz tensões. Mas há uma compreensão na nossa Igreja, da qual me orgulho muito: o direito a pensar de formas diferentes - com um mesmo objetivo: fortalecer a democracia e construir justiça social."



Ellemar integra a Comissão de Responsabilidade Pública da IECLB

Agentes de transformação

"Meu pai (Erno Saatkamp) foi professor em uma pequena localidade do interior de Roca Sales - RS, chamada Fazenda Lohmann, por mais de 40 anos. Minha mãe (Iria Trein Saatkamp) o auxiliava, voluntariamente, com as crianças menores, que vinham à escola falando somente a língua alemã. As turmas ficavam em uma mesma sala. Às vezes, o número total de alunos passava da centena!", conta a professora Susane Elise Giongo, de Lajeado - RS, casada com Ito Giongo e mãe de Bernardo, 23, e de Bianca, 19. Imaginem o "oportunismo" quase sobre-humano de um professor naquela época.

O pai de Susane também era regente dos corais da localidade, organista da igreja e exercia o cargo de secretário em diversas entidades. A mãe, desde adolescente, era sineira. Mesmo com chuva, raios e trovoadas, era preciso anunciar o amor e a presença de Deus três vezes ao dia. "Morávamos numa casa da comunidade. E ela era, realmente, comunitária! Cucus, bolos e tortas para as festas eram lá preparadas. Não lembro se tínhamos uma chavena porta dos fundos - ela sempre estava aberta."

Nas férias, Susane e o irmão, Hans Alberto, revezavam-se para fazer as cobranças do Jornal Evangélico. "Éramos recebidos com bergamotas, laranjas, sucos e bolachas pintadas. Fizemos muitas amizades e conhecíamos a residência

dos moradores mais distantes. Íamos de bicicleta, ou, quando o pai deixava, de fusca", conta ela.

"O 'com viver' e compartilhar tristezas e alegrias, o interagir constantemente com pessoas da comunidade, 'comum unidade', como dizia meu pai, contribuíram para a formação de meus atuais valores de vida. Nem sempre tive a maturidade de compreender esta filosofia de vida. Em muitos momentos, mesmo criança ou adolescente, eu questionava o envolvimento com os outros e acabava exigindo mais sua presença e companhia", contou Susane.

Ela valoriza profundamente o "crescer e caminhar juntos" de escola e igreja dos antepassados. "O fato de suas histórias sempre estarem interligadas, com prioridades, preocupações e comprometimentos para com a educação, cultura e espiritualidade é louvável." Se hoje as escolas comunitárias já não existem nas pequenas localidades e não estabelecem mais esta "comum unidade", Susane sente-se realizada em lecionar em uma escola luterana - Colégio Evangélico Alberto Torres - que apostou no Pastorado Escolar. "Me sinto em casa. No mundo de hoje, é maravilhoso o fato dos alunos terem a oportunidade de conhecer a vida e o amor de Cristo, como exemplo de esperança de transformação - para um mundo de paz, justo e fraterno."



Susane é professora de Matemática e Ensino Religioso em Lajeado



BUETTNER
Desde 1974
Porque as coisas mais gostosas da vida lembram
Cama . Mesa . Banho
Atendimento ao Consumidor:
0800 791 9222 - www.buettner.com.br

Anuncie no
Jorev Luterano

Informações
pelo fone
51 3227-1258

Anexo D
Gente Luterana, ago./set. 2005
In: JOREV, ago./set. 2005, n. 682

O prazer de servir na caminhada

Toda a exigência da vida profissional não impediu que Mario Tesche, 71, dedicasse muitas horas à sua comunidade e à IECLB. Neste ano, ele completa 50 anos de atividades comunitárias na cidade de Três de Maio - RS, onde sempre atuou como membro e como presbítero. "Passei por inúmeros cargos e funções na comunidade e na paróquia", conta ele. "Fui representante distrital em quatro concílios gerais da IECLB e participei do processo de fundação e ins-

talação do sinodo". Por ser egresso do antigo Sinodo Riograndense, conseguiu resgatar a denominação, sugerindo que o novo sinodo se chamasse Noroeste Riograndense. Na primeira diretoria sinodal, foi convidado a assumir o cargo de tesoureiro, função que exerceu durante dois mandatos seguidos. "Atualmente, sou o coordenador do Conselho de Finanças do sinodo", conta.

Mario Tesche nasceu em Três de Maio, onde mora até hoje. Formou-se como técnico em Contabilidade - mesmo trabalhando desde os 14 anos em escritório de empresas e de contabilidade, conseguiu concluir o curso - e em Administração de Empresas pela Faculdade de Administração da Sociedade Educacional Três de Maio - Setrem. "Trabalho na profissão de contabilidade de forma ininterrupta desde 1957, quando fundei meu escritório", conta ele. "Minha esposa Iria [Mayer Tesche] foi minha colaboradora durante 41 anos". O casal tem quatro filhos: Mara Rubia, funcionária do Banco do Brasil; Carlos Henrique, auditor fiscal da Receita Federal; Paulo Sergio, bacharel em Informática; e Fabio Rogerio, contador. São casados respectivamente

com Nolar Edibaldo Meinke, Vera Rosane Rabuske, Lílina Creuzberg e Clarice Gauer.

Filho e neto de luteranos, seu Mário confirma: "a vida de fé dos meus pais e avós me inspirou profundamente. Eles sempre foram um espelho e uma motivação para o engajamento junto ao trabalho na comunidade, sempre colocaram seus dons a serviço do Reino de Deus". Os pais, Alfredo Tesche e Frida Graebin Tesche, eram agricultores estabelecidos nos



Seu Mário fala da gratificação de poder contribuir, com a graça de Deus, na caminhada da IECLB

subúrbios da vila então denominada Buricá, até que o progresso e a expansão da Cidade de Três de Maio absorveu suas terras, transformando-as em terrenos urbanos. Ele lembra que, mesmo com limitações, os pais auxiliaram, por exemplo, com doações e mobiliário na construção do novo templo da Comunidade.

Sobre a sua própria trajetória como liderança na IECLB, seu Mário avalia que a maior dificuldade é a de conciliar a vida pro-

fissional com o trabalho voluntário dedicado à igreja. As alegrias, no entanto, são inúmeras: o sentimento de gratificação por poder, com a graça de Deus, colaborar na caminhada; ser contemplado com os ensinamentos e pregação do Evangelho por todos os obreiros que exerceram seu pastorado na paróquia, dos quais mantém a mais grata lembrança; conhecer a estrutura e o funcionamento da IECLB e sua unidade; entre outras. "Gostaria de chamar a todos os membros para que coloquem seus dons a serviço das respectivas comunidades e paróquias", finaliza. "Certamente, serão ricamente compensados."

Valorizando o trabalho em equipe

Sueli Isolda Albrecht Kreutzfeld é casada com o pastor Ademir Kreutzfeld, que atende a Paróquia Santa Isabel em Rancho Queimado - SC. Ela divide suas tarefas de "mulher de pastor" com a de dona de casa e mãe do Lucas, 9, e do Willian, 6. Natural de Ijuí - RS, uma das cinco filhas de Iris e Rainard Albrecht (o pai já é falecido), Sueli conheceu seu marido enquanto fazia o Curso Bíblico Básico na Faculdade Luterana de Teologia.

Relutante, Sueli foi "convencida" a falar ao Jorev Luterano. "Minha vida não é tão interessante assim e, além disso, gosto de trabalhar quietinha, no meu canto", disse. Das tarefas que executa, não escolhe atividade ou serviço. "Ajudo onde posso. Gosto de trabalhar em equipe e de ter tudo organizado. A minha ênfase, porém, tem sido o discipulado. É muito emocionante levar as pessoas a Cristo e ensiná-las a andar sob o poder do Espírito Santo".

Como liderança, Sueli identifica algumas dificuldades. Entre essas, o excesso de trabalho que, muitas vezes, não permite o envolvimento pessoal do pastor com todos os membros; o desconhecimento da Palavra de Deus por parte dos membros; a falta de entendimento da divindade de Cristo, do significado da crucificação e ressurreição de Jesus e do que significa receber Jesus Cristo como Salvador e Senhor; a escassez de líderes e a falta de tempo para prepará-los; o desconhecimento dos presbíteros de suas verdadeiras funções; a insistência dos membros em manter o pastorcentrismo; e, finalmente, muitas vezes a solidão do pastor e de sua família. "Não existe trabalho sem sofrimento", avalia. "Mas tudo o que precisamos é de um espaço para o diálogo."

Sobre as alegrias do trabalho, Sueli relata que aprecia inversamente ver o progresso espiritual da comunidade; sen-



Sueli dá algumas recomendações às "moças casadoiras": não desistam de si mesmas

tir o toque do Espírito Santo na vida de uma pessoa, convertendo-a para Cristo; observar o crescimento e a estruturação dos diversos grupos de trabalho; verificar que os membros estão lendo a Bíblia e colocando os ensinamentos de Jesus em prática; ver o engajamento dos voluntários na igreja e fora dela (escola, política, meios de comunicação, etc); verificar a presença das crianças e dos jovens na igreja; ver as famílias bem estruturadas e os filhos com escola, saúde e emprego e verificar o desabrochar de novas lideranças.

Com tanta experiência, Sueli acrescenta que o envolvimento de uma esposa de pastor, nesta ordem, só é possível enquanto não trabalhar fora. "Quando ela exerce uma profissão, o tempo para o trabalho voluntário é reduzido".

Finalizando, ela deixa algumas dicas para as jovens que pretendem casar com um pastor:

- Não basta estar apaixonada pelo pastor. É preciso também estar "apaixonada" pela profissão dele. Jesus amava os perdidos e nós também precisamos aprender a fazer isso.
- Na vida aprendi que não devemos desistir daquilo que é importante para nós, por isso também tenham a sua própria profissão. Isso nos enriquece como pessoa, enriquece o trabalho pastoral e nos deixa preparadas para os reveses da vida.
- Leia a Bíblia. Busquem sempre os conselhos do Senhor, pois vocês vão precisar deles.
- Orem antes de falar e agir. Tenham paciência e não se precipitem.
- Tenham convicção: Cristianismo é um relacionamento com o Cristo Vivo e não apenas um código de ética.
- A alegria no Senhor é a nossa força. Jesus é a fonte de todo bem e é a Ele que devemos recorrer na tribulação. Que Deus nos abençoe!

BUETTNER
desde 1871
Porque as coisas mais gostosas da vida vivem na
Cama, Mesa, Banho
Atendimento ao Consumidor
0800 791 9222 - www.buettner.com.br

Anuncie no Jorev Luterano
Informações pelo fone **51 3227-1258**

Anexo E
Gente Luterana, out./nov. 2005
In: JOREV, out./nov. 2005, n. 683

Igrejeira mesmo, com muito prazer

Aline Zenker Pacheco tem 25 anos. Com pós-graduação em Psicopedagogia, vem de uma família de mestres: o pai, Silon Jorge Pacheco, a mãe, Marli Zenker Pacheco e a irmã gêmea Alice são professores. Os Zenker moram em Cerro Grande do Sul - RS e Aline dá aulas na cidade de Tapes, pertinho dali, onde nasceu.

Sempre envolvida em atividades "igrejeiras" - "meus pais também são muito ativos", Aline é presidente do Conselho Sinodal da Juventude no Sínodo Sul-Rio-Grandense. "Desde que me entendo por gente, participei na IECLB - culto infantil, cultos, festas", conta. Aline entrou para a Juventude Evangélica quando tinha 15 anos. "O grupo foi criado naquele ano, pois havia mais jovens na minha idade sem atividade na Igreja."

Em fevereiro de 2005, foi eleita presidente do Conselho Nacional da Juventude - Conaje. "Fiquei um pouco na dúvida, pensando se teria condições de corresponder a esta responsabilidade", diz ela. "Além disso, sou muito tímida. Mas daí pensei que, se isso, estava acontecendo, deveria ser o chamado de Deus. E resolvi aceitar." Junto com ela, outros cinco jovens, de vários sínodos, assumiram a presidência: Mateus Witter, Martina Ahlert, Frederico Kafer, Viviane Kusler e Tiago Bonesse.

Como conciliar vida profissional, vida particular e ainda as atividades de liderança na Igreja? "Os amigos cobram que

quase nunca tenho tempo nos finais de semana - estou sempre participando de uma atividade ou outra", reflete Aline. "Às vezes me dá vontade de largar tudo, só que tenho muito prazer no que faço", diz. Por toda esta convicção, nunca sofreu preconceito pelo fato de estar tão envolvida em uma Igreja. "Amo a IECLB e as pessoas à volta têm muita clareza disso. Dou graças a Deus que sou luterana. Se sair desta Igreja nunca iria entrar em outra", revela, firme.

Perguntada se consegue explicar o pouco interesse dos jovens pelo trabalho e pela vivência nas igrejas, ela diz: "Tenho minhas teorias. Em primeiro lugar, o mundo oferece muita coisa e é difícil escolher entre tantas ofertas. Meus pais sempre fizeram questão de me envolver na Igreja e também são muito presentes - acho que isso faz a diferença; em segundo lugar, a IECLB ainda não tem um trabalho adequado para oferecer para o jovem entre o tempo de confirmação e os grupos de adultos."

Desta forma, Aline, junto com o Conaje, está desenvolvendo o projeto chamado Programa de Juventudes: a idéia é abranger trabalhos com jovens feitos na IECLB, por meio do teatro, da música e de assuntos variados - para atrair a juventude, não só para os ditos "grupos tradicionais", mas para as diferentes formas de expressar o ser jovem luterano nos dias atuais.



Aline: "IECLB deve criar um trabalho para oferecer ao jovem depois da"

Um grande motivo para tocar a vida

Nascido na Alemanha em 1941, ele perdeu o pai durante a II Grande Guerra e, com mais cinco irmãos, veio ao Brasil aos 8 anos de idade. "Chegamos aqui em 1950, para viver com parentes", conta o administrador de empresas Horst Walter Martins. Logo em seguida, foi estudar no Colégio Evangélico de Ijuí. "Fiquei abrigado no internato, a convite do diretor Arno Sommer", diz ele.

Horst Martins mora em Porto Alegre - RS, é casado com Marli, tem três filhos, Simone, Alex e Marcos, e dois netos, Amanda e André. A trajetória difícil na infância e depois o trabalho realizado na Igreja - foi tesoureiro e vice-presidente administrativo de comunidade - explica o seu total envolvimento com um grande projeto da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB: o asilo Pella-Bethânia.

Localizado na cidade de Taquari, a 100 quilômetros de Porto Alegre, a Sociedade Evangélica Pella Bethânia foi criada em 1892, com a missão de abrigar crianças e idosos que não têm familiares que os possam amparar. Martins conheceu a instituição em 1988 e apaixonou-se pelo trabalho: "Um ano e meio mais tarde já era seu tesoureiro, cargo que ocupei durante 10 anos", relembra.



Apaixonado pelo trabalho no Pella Bethânia, Martins vai vencendo os

Depois, assumiu o cargo de vice-presidente e atualmente é o presidente da diretoria executiva.

"Como diz o ditado, Wir müssen uns heute kümmern über die kleine Kinder, dass wir uns näher nicht ärgern über die grosse Menschen ou 'Devemos nos preocupar hoje com os pequenos para não nos incomodarmos amanhã com os adultos'", reflete Martins. A família nunca se ressentiu de tamanho envolvimento, "eles muitas vezes me acompanhavam, especialmente minha filha." Também teve a "sorte" de trabalhar em locais com entendimento sobre o seu trabalho voluntário junto ao Pella.

O grande desafio do asilo, sempre foi o da sobrevivência. Na publicação comemorativa dos 105 anos (de autoria do já falecido professor Arnaldo Hoppen), é possível ler sobre a história do Pella-Bethânia e sobre sua recente reestruturação, que resultou em diversas melhorias, especialmente de infra-estrutura. Mas o desafio continua. Para isso, algumas medidas são fundamentais: "nossa diretoria é integrada por especialistas de diversas áreas, que nos ajudam a resolver questões específicas", diz Martins. O Pella também cultiva boas relações e parcerias com empresas da localidade. Outra iniciativa, que visa a atender o consumo interno mas também traz alguma receita, é a produção agropecuária.

"Com o meu trabalho junto ao Pella, estou retribuindo aquilo que recebi", finaliza Martins, emocionado. "Vejo aquelas crianças e desejo que elas possam ser encaminhadas e ter um futuro." Você também pode participar. Doações são bem-vindas e é possível descontá-las do Imposto de Renda. Para mais informações, ligue para a secretaria do Pella-Bethânia, no fone 51 3653 1556 ou encaminhe um email para asilopella@tknet.com.br.

O espaço Gente Luterana busca retratar pessoas da IECLB que fazem a diferença. Se você tiver uma sugestão de nomes, encaminhe para jorev@ieclb.org.br ou por carta, para Rua Senhor dos Passos, 202/3º andar, CEP 90020-180, Porto Alegre - RS, com alguns dados básicos e informações para contato.

O que DEUS quer de mim?

Vestibular em Teologia 2006

Fazer teologia é participar dos planos de Deus para transformar o mundo.

Diaconia • Pastorado • Educação Cristã *ênfases*

Inscrições até 14/12/2005
Prova 16 e 17/12/2005
Campus EST
vestibular@est.com.br
www.est.com.br

INFORMAÇÕES:
Rua Amadeo Roversi, 487
Morro do Espelho - São Leopoldo
Tel. (51) 3090 1455
Fax (51) 3090 1903

est Espaço Superior de Teologia

INSCREVA-SE JÁ!

PROA

A CORRETORA DA IECLB

Seguros de Automóveis, Residência e Vida.
Planos de Previdência - LUT-REPREV

Rua Senhor dos Passos, 202/2º andar
90020-180 Porto Alegre/RS
Fone: (51) 3221-3433 / (51) 9979-8448
Fax: (51) 3225-7244
e-mail: proa@corretorasinos.com.br

BUETTNER
desde 1976

Porque as coisas mais gostosas da vida lembram
Cama . Mesa . Banho

Atendimento ao Consumidor:
0800 701 9222 - www.buettner.com.br

Anexo F

Gente Luterana, dez. 2005/jan. 2006

In: JOREV, dez. 2005/jan. 2006, n. 684

Fazendo acontecer

"Como vejo a IECLB na atualidade? Acho que as atuais circunstâncias de ordem econômica, de um certo modo são benéficas, pois estão despertando nas lideranças dos diversos escalões a necessidade de atingirmos a auto-sustentabilidade da IECLB, sem a continuidade de obtenção obrigatória de recursos do exterior", responde Fridolino Probst, 68 anos, morador em Balneário Camboriú - SC. "Também é gratificante vermos a expansão e crescimento em termos territoriais, com a IECLB marcando presença em muitas cidades, algumas até longínquas de nosso País."

Natural de Trombudo Alto, hoje Agrolândia - SC, Fridolino é filho e neto de luteranos. Ele foi confirmado em abril de 1952, em Rio do Sul - SC, onde frequentava a Juventude Evangélica. "Em julho do mesmo ano, nos mudamos para Itajaí - SC. Lá somente havia um culto por mês, oficiado por um pastor de Brusque. Senti um vazio imenso. Tentei de garimpar jovens luteranos e, em novembro de 1954, juntamente com mais 15 rapazes e moças, fundamos o grupo de Juventude Evangélica de Itajaí, que teve, graças a Deus e ao apoio recebido de muitas pessoas, um certo destaque nas participações em diversos congressos da JE", conta.

Logo depois do seu casamento, em 1960, passou a integrar o presbitério da Comunidade de Itajaí, onde foi tesoureiro em 1970. De 1972 a outubro de 1992 - 20 anos seguidos - foi secretário da Paróquia de Itajaí. "Depois, passei a fazer parte da Comunidade de Balneário Camboriú, onde sempre participei do presbitério, sendo também tesoureiro de 1994 a 1997 e de onde sou o atual presidente (2004-2005)", relata. Em Camboriú, juntamente com o pastor Valdim Utech, iniciou a edição do Boletim Informativo Luterano, em março de 1993.

Durante longos anos, exerceu cargos nos antigos Distritos Eclesiásticos de Florianópolis e Itajaí-Mirim. Atualmente, é membro ti-



Seu Fridolino Probst acredita firmemente na futura - quem sabe mesmo em breve - auto-sustentabilidade

tular do Conselho Fiscal do Sínodo Vale do Itajaí e participa ativamente do núcleo local da Legião Evangélica. "A oportunidade, ao longo dos 51 anos de vivência eclesial, quase sempre exercendo cargos de liderança e de representatividade em inúmeros congressos, concílio geral, uma infinidade de reuniões nas mais diferentes cidades, me proporcionaram conhecer um número incontável de irmãos na fé em nosso Senhor Jesus Cristo", avalia Probst.

Em 2005, participou como painalista do Fórum "Fé-Gratidão-Compromisso" e integra o grupo do Sínodo Vale do Itajaí que está elaborando uma cartilha sobre este tema. "Estamos trabalhando com embasamentos bíblicos, exemplos práticos, roteiro de como atingir os objetivos, com vistas a uma futura - quem sabe até breve - auto-sustentabilidade da IECLB", confirma. "Fui e continuo sendo um Soldado de Cristo, um humilde servo de Deus. Estou feliz e muito agradecido a Deus por tudo isso - a oportunidade de poder servi-LO de muitas formas ou maneiras."

A CORRETORA DA IECLB
Seguros de Automóveis, Residências e Vida.
Planos de Previdência - LUTERPREV

Rua Senhor dos Passos, 202/2º andar
90620-180 Porto Alegre/RS
Fone: (51) 3221-3433 / (51) 9979-8448
Fax: (51) 3221-7244
e-mail: proba@corretorasrs.com.br

Uma vida a serviço da IECLB

No dia 26 de outubro de 1941, a pequena Ruth Baade foi batizada em Curitiba, onde nasceu. "Sou luterana desde então", conta, com um sorriso nos lábios. No dia 3 de abril de 1955, ela confirmou que tinha firme intenção de continuar na Igreja Luterana. "Imagine, em 2005 completei 50 anos de confirmação", diz.

O "currículo" do envolvimento de Ruth Baade com a IECLB é enorme. Em 1972, foi eleita vice-coordenadora da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas - Oase da antiga Região II; em 1975, foi eleita tesoureira e, quatro anos depois, presidente da Oase da Região II.

Em 1981, participou do Concílio Regional da II Região, realizado em Pirabeiraba, e foi a primeira mulher a ser eleita para um assento no Conselho Regional. "Ali, servi oito anos", diz Ruth. Em 1984, representou a IECLB na Assembléia da Federação Luterana Mundial - FLM em Budapeste, na Hungria, e quatro anos depois foi designada para integrar a comissão que preparou a Assembléia da FLM realizada em Curitiba em 1990. "Fiquei responsável pela decoração do recinto da Plenária e envolvi todos os grupos de Oase", relembra. Cada delegado participante recebeu, como lembrança, uma sacola e uma almofada.

Os belos panós que alegraram o ambiente também foram confeccionados pelas mulheres brasileiras. "No final, os panós foram doados para igrejas de países de todo o mundo. Foi uma forma bonita de dar continuidade às relações construídas naquele momento", confirma Ruth. O fato mais



Os panós, feitos pelas mulheres da Oase, acabaram espalhados por vários países do mundo

marcante, no entanto, que ocorreu na Assembléia da FLM em Curitiba, foi a eleição do então pastor presidente da IECLB, Gotfried Brakemeier, para o cargo de presidente da Federação Luterana Mundial. "Não houve um dia em que eu não tivesse orado por ele", confirma Ruth.

Ruth Baade participou ainda, durante quatro anos, no Conselho da IECLB, como conselheira. "Foi uma enorme responsabilidade. Para garantir uma participação de qualida-

de, pelo bem da nossa Igreja, tive de ler todos os documentos normativos da igreja, estatutos etc.". Participou da Assembléia Geral do Conselho Latino-americano de Igrejas - Clai, realizado em Concepción, no Chile, representando as mulheres do Brasil. Também integrou por muitos anos a Banca Examinadora da Escola Superior de Teologia - EST, em São Leopoldo - RS.

A lista parece interminável. E qual o segredo de tanta disposição? "Acho que a fé evangélico-luterana compromete e desafia a olhar para além dos muros das nossas comunidades", avalia Ruth. "Sempre procurei atender o chamado e trabalhar pelos outros, em nome da Igreja. Acho que, como as flores, o trabalho cresce onde Deus o colocou, mesmo que seja num penhasco."

O espaço Gente Luterana busca retratar pessoas da IECLB que fazem a diferença. Se você tiver uma sugestão de nomes, encaminhe para jorevi@ieclb.org.br ou por carta, para Rua Senhor dos Passos, 202/3º andar, CEP 90620-180, Porto Alegre - RS, com alguns dados básicos e informações para contato.

BUETTNER
Desde 1974

Porque as coisas mais gostosas da vida lembram
Cama . Mesa . Banho

Atendimento ao Consumidor:
0800 701 9222 - www.buettner.com.br

Anexo G
Gente Luterana, fev./mar. 2006
In: JOREV, fev./mar. 2006, n. 685

Esta edição traz mais duas amostras da nossa "Gente Luterana" que, em sintonia com o lema que nos desafiará em 2006, colocam seus dons à serviço do que acreditam. Darcy Laske na educação e Bethânia Guenther: comece a se envolver nas atividades da igreja. Foi ao lado delas que ela participou de tudo, envolvendo-se na vida da comunidade. Contudo ela foi realmente "fisgada pela igreja" após a confirmação, quando participou de um estratégico passeio de final de ano: depois recebemos o desafio de começar um grupo de jovens e aceitamos. Comecei a gostar e fui convidando os amigos, dos quatro que iniciaram, em poucos meses já eram mais de 100 jovens". - Isso foi há 12 anos atrás, mas algumas das iniciativas daquela época permanecem vivas até hoje, como o jornal do grupo de jovens, "O Caminho", que Bethânia ajudou a criar. "A igreja luterana formou o meu caráter: sinceridade, transparência e a ética sempre em primeiro lugar. Não há dúvida. A participação na JE trouxe vivências muito importantes para a minha formação. O que sou devo à isso - não só como pessoa, mas profissionalmente. Antes dificilmente falava com outras pessoas - aprendi a partilhar mais, a conviver... batia de frente com as pessoas, mas foi extremamente positivo em minha vida - agradeço a Deus por isso. Me tornei mais humana, aprendendo a ouvir mais e respeitar a opinião dos outros." Aos 25 anos, casada com Rodrigo e mãe coruja do Yan, de um ano e cinco meses, Bethânia acredita que estar na igreja não é só ter acesso à formação religiosa, mas

A alegria de comunicar a igreja

aprender cidadania e responsabilidade. Por isso que ela lamenta que ainda exista muito preconceito quando se diz "vou para a igreja". Felizmente esta resistência vai se quebrando aos poucos, quando a igreja mostra que é acolhedora e Bethânia contribui para isto na celebração de seu casamento, que motivou o interesse e muitos amigos pela igreja luterana. O casamento, aliás, foi algo marcante, que ajuda a falar da alegria e orgulho desta garota em ser luterana: em nossa igreja valorizam o indivíduo e se respeitam as diferenças. "Meu marido é católico atuante e tivemos um belíssimo casamento ecumênico, com direito até a efeitos especiais - bolhas de sabão, falando do quanto as pessoas são círculos perfeitos a partir do sopro de Deus. Todos ficaram emocionados" - lembra.

Publicitária e sócia de uma produtora de vídeo, ela vive na profissão o que aprendeu na igreja e cada vez mais quer colocar os dons que tem à serviço da comunidade. No ano passado ela participou de um curso de comunicação da IECLB que só aumentou sua motivação: "no final fui presenteadas com uma flor verde, que simbolizava a missão de construir pontes e estou me empenhando para isto". A partir daí ela sentiu-se estimulada a formar um projeto - Valorizando Espaços (ele já ganhou um nome e está quase saindo do papel) - que quer criar pontes - saber o que está acontecendo na igreja - nas base - e ajudar as pessoas a melhorar processos. "Precisamos inovar na linguagem e encontrar novas formas de passar a nossa mensagem - temos que fazer um up-grade e acompanhar a sociedade: a palavra de Deus toca e tem que tocar - temos o compromisso de estar mais junto, próximos das pessoas."

Testemunho luterano na educação

O envolvimento semanal na comunidade Norte da Ilha, em Florianópolis - que inclui a participação em um grupo de louvor, nos cultos e na responsabilidade de ser um dos vogais da diretoria da comunidade - não é a maior prova de que Darcy Laske é luterano, mas sim a vivência e testemunho os ideais da reforma em seu dia-a-dia, promovendo a educação e o bem-estar social com seriedade, transparência, honestidade e ação.

Filho de luteranos, Darcy não escolheu a igreja apenas para dar continuidade a uma tradição familiar, mas por convicção: "para mim a IECLB tem uma linha teológica definida, que eu conheço, aceito e defendo". Natural de Piratuba, SC, Darcy Laske tem formação em contabilidade, comércio e administração, mas é conhecido como "professor". Ele é um dos grandes batalhadores em prol da qualificação do ensino em Santa Catarina - onde foi Secretário Estadual de Educação e hoje atua como Secretário Executivo da ACAPE - Associação Catarinense das Fundações Educacionais. Ele também integra o Conselho Estadual de Educação de SC, com mandato até 2011.

Dentro da igreja iniciou sua vivência no presbitério como secretário da Comunidade de Joaçaba, em 1967 e a partir daí desempenhou as mais diversas funções. Em 1999 Darcy viveu um importante desafio - assumindo como o primeiro presidente leigo de um concílio. "Para presidir um concílio é necessário ter isenção, tranquilidade e presença de espírito, para garantir os encaminhamentos necessários. Temos muito poder em nossas mãos e precisamos utilizá-lo da melhor forma. É uma grande responsabilidade. Contudo as regras são

claras e fica fácil conduzi-lo. "Desta experiência, renovada por mais um mandato, que encerra-se este ano com o XXV Concílio em Panambi, RS, Darcy traz a visão de uma igreja de forma mais completa, incluindo toda a sua diversidade: movimentos, linhas teológicas e até mesmo disputas entre lideranças. Segundo ele, uma percepção muito importante, que não está presente na comunidade. Ao voltar para a comunidade ele percebe com clareza o distanciamento das bases com o poder da igreja e sente-se motivado a promover esta aproximação: "seria bom se as comunidades tivessem mais clareza quanto à linha teológica e a dinâmica da igreja." Para Laske um dos momentos marcantes na história de nossa igreja foi a reestruturação - um momento de avanço positivo rumo a descentralização: "Foi uma atitude corajosa, pois fortalece as partes - é preciso muita responsabilidade e confiança, em todos os âmbitos, e exige um acompanhamento - um fio condutor que possibilite unidade e proximidade."

Um de seus sonhos é ver: os futuros obreiros e obreiras - após o período regular de formação - em um seminário com a Direção da igreja que os prepare para a prática da IECLB. Com isso, talvez se cumpram alguns dos desafios que Laske vislumbra para nossa igreja: "Crescer, encontrar fórmulas para atingir os jovens, acompanhar e acolher mais os membros. Não há dúvidas: precisamos aprender a partilhar e ser uma igreja mais aberta".

Temos muito poder em nossas mãos e precisamos utilizá-lo da melhor forma.

os prepare para a prática da IECLB. Com isso, talvez se cumpram alguns dos desafios que Laske vislumbra para nossa igreja: "Crescer, encontrar fórmulas para atingir os jovens, acompanhar e acolher mais os membros. Não há dúvidas: precisamos aprender a partilhar e ser uma igreja mais aberta".



Me tornei mais humana, aprendendo a ouvir mais.

BUETTNER
 Atendimento ao Consumidor: 0800 701 9222 - www.buettner.com.br

Dia 26 de março é o lançamento da campanha Tema do Ano 2006

Deus, em tua graça, transforma o mundo
Sirvam uns aos outros, cada qual conforme o dom que recebeu (1 Pedro 4.10)

Você é parte fundamental desta transformação!

Informe-se em sua comunidade ou no site www.ieclb.org.br sobre as ferramentas e subsídios disponíveis.

Anexo H

Gente Luterana, abr./maio. 2006

In: JOREV, abr./maio. 2006, n. 686

"Nossa gente" desta edição - Carolina e Orlando - são com pessoas especiais, que fazem questão de partilhar suas vivências e aprendizagens a partir do Evangelho. Pessoas que assumem um compromisso e dedicam todos suas forças a este objetivo, seja aonde for: na região sul, sudeste ou onde for preciso!

Compromisso com o Evangelho e com a ação

Carolina Schulz acredita que Deus dá muitas bênçãos, mas é preciso desenvolvê-las com compromisso e coragem. "Todo problema é um desafio - é com eles que a gente aprende", conta, ao lembrar que perdeu a mãe com apenas 10 anos e teve que "se virar" sozinha.

Quando casou, aos 20 anos, Carolina sentiu uma lacuna na igreja e acabou se afastando: "durante 3 anos eu não tinha ido sequer a um culto, até que um convite veemente, me fez voltar. Chegando lá eu senti uma proposta diferente, de engajamento, bem consistente. Foi marcante em minha vida, pois a partir dali assumi um compromisso com o Evangelho, com o Reino de Deus, a partir da IECLB, do qual eu não abro mão de jeito nenhum. Eu morava em Canoas na época, onde estava o coordenador do Movimento Encontro, e logo o meu marido passou a ser seu braço direito e eu fui direto para a liderança do movimento. Naquela época a mulher não tinha espaço na IECLB. Na verdade, tinha pouco, e no Encontro muito menos - a mulher era à sombra do marido - isto há 30 anos".

Carolina acredita que a mulher deve quebrar o silêncio, pois tem uma contribuição muito importante a dar: "só falta ela se descobrir. As barreiras devem ser rompidas." - ressalta. "Eu acredito que a pessoa nunca está pronta, ela tem um potencial a ser desenvolvido, Deus nos dá 30% e o resto à gente tem que desenvolver, é um compromisso que temos conosco, com o semelhante. E com Deus."

Arquiteta bem sucedida, hoje Carolina toma a frente de duas empresas do ramo e ainda conjuga as atividades de mãe, avó, integrante do Conselho da Igreja

representando o Sinodo Paranapanema, Presbitério, atuação no Movimento Encontro e muito mais.

Para conciliar todas as tarefas que desenvolve, Carolina aposta na organização, no planejamento: "Faço coisas demais e sinto até que é o momento de dar uma parada e cuidar da saúde. Minha cabeça sempre carregou o corpo. É que o que eu quero desenvolver é tanto, que a cabeça vai além e carrega o corpo, nem que seja na amarra."

Na profissão, está sempre presente o compromisso assumido com o Evangelho: "Em tudo que eu faço luto por isso." Aliás, Carolina acredita que em qualquer profissão é possível expressar a visão cristã, e é necessário transmitir tudo aquilo que a igreja oferece. "Este é nosso compromisso como cristãos e nisso acho a IECLB maravilhosa, pois nos dá tanto subsídios, ela nos enriquece tanto, que não há como dentro de qualquer profissão não passar adiante."

Sobre a participação no Conselho da Igreja ela destaca: "Foi muito bom! São visões diferentes e construção conjunta, é uma riqueza! O que nos une é uma visão maior, é uma coisa que veni de Deus."

Carolina acredita que o maior desafio para nossa igreja é estar inserida na sociedade e ser relevante: "Algumas vezes a igreja está de costas para sociedade e o desafio é enxergar, se inserir e fazer diferença. As mudanças são muito rápidas e é preciso ficar atento a isso".

Vivendo a missão diariamente

Com seu jeito calmo e tranquilo Orlando Amaro Hartvig tem muitas histórias para contar e muita disposição para compartilhá-las, levando adiante o seu testemunho do amor de Deus, fazendo missão diariamente. Ele toca teclado e violão, mas nunca teve aulas, foi aprendendo de olhar, da vontade de aprender e do empenho neste objetivo. Hoje ele contribui muito através da música, enchendo de melodia as celebrações. "É um dom que tenho e que faço questão de retribuir, não ficando com ele só para mim, mas colocando-o para a comunidade."

Casado e pai de três filhos - de 13, 10 e 6 anos, Orlando trabalha na Prefeitura de Barra do São Francisco, ES, e no contato diário com as pessoas não deixa de lado os ensinamentos que aprendeu na igreja: "Ela faz parte do meu projeto de vida, estou comprometido em levar o testemunho do Evangelho em todas as circunstâncias, seja no contato diário, seja nos cultos e atividades que participo." Orlando participa da Paróquia de Córrego da Peneira, que possui um vivo projeto missionário, no qual ele está intensamente envolvido e do qual, já comemora: "em Águia Branca, já temos até templo, inaugurado no final do ano passado e em outras localidades há uma forte motivação em ser comunidade. A agenda está sempre cheia, mas sempre dou um jeito, pois acho muito importante

participar. O número de membros cresceu bastante, e tudo isto é resultado de muito contato e visitação, nos colocamos sempre próximos". E com toda esta disposição, sempre que pode ele acompanha o pastor, seja quantos quilômetros tenha que percorrer, e se preciso for, ele até realiza a pregação. Na Páscoa, por exemplo, ele ficou alguns dias sem dormir, na organização e participação da Vigília Pascal. Mas nem as poucas horas de sono ou as muitas de estrada de chão, são capazes de resfriar o ânimo de Orlando.

"Sou IECLB porque nasci e cresci nesta igreja. Mas há muito mais do que isto, nossa igreja proclama a vida, contextualiza a Bíblia, apresenta a palavra de forma que motiva e anima" - declara.

Ele foi um dos representantes do Sinodo Espírito Santo à Belém no Fórum de Avaliação da Reestruturação e além de contribuir com sua experiência e vivência de igreja, trouxe também a convicção renovada e a alegria de conhecer e ter a oportunidade de conversar pessoalmente com as lideranças de nossa igreja. "Nunca me senti isolado, ainda que as distâncias sejam grandes, mas foi muito importante participar. Na volta pude dar meu testemunho com ainda mais força, participei no Conselho Paroquial, fui a várias reuniões e encontros no sinodo, motivando outros leigos a se envolverem. E acho que o pessoal está entendendo, estamos sentindo resultados!" - conta Orlando.

Um sonho? Orlando não tem dúvidas: "Temos que colocar Deus dentro da gente, no coração, que com certeza ele nos dá força para enfrentar os altos e baixos da vida, o compromisso com o Evangelho nos dá garra".



Estou comprometido em levar o testemunho do Evangelho



BUETTNER

Atendimento ao Consumidor: 0800 701 9222 - www.buettner.com.br

Deus, em tua graça, transforma o mundo

Sirvam uns aos outros, cada qual conforme o dom que recebeu (1 Pedro 4.10)

O Tema do Ano está ganhando as ruas! Saiba onde você pode encomendar os materiais.



Editora Gêlo Kultur
B Blumenau/SC
Fone/Fax: (47) 3337-1110
www.centrodeliteratura-iclb.com.br



Editora Sinodal
São Leopoldo/RS
Fone/Fax: (51) 3590-2366
www.editorasinodal.com.br



ENCONTRO publicações
Curitiba/PR
Fone: (41) 3352-5030
www.me.org.br/encontro



UNIÃO CRISTÃ
São Bento do Sul/SC
Fone/Fax: (47) 3635-0911
www.uniaocrista.com.br

Informe-se em sua comunidade ou no site www.iclb.org.br sobre as ferramentas e subsídios disponíveis.

Anexo I
Gente Luterana, jun./jul. 2006
In: JOREV, jun./jul. 2006, n. 687

Nesta edição você vai conhecer duas lideranças que contribuem incansavelmente com seus dons e experiências para o desenvolvimento e fortalecimento de nossa Igreja. Para eles, sempre é tempo de participar e valorizar esta que é uma das características marcantes de nossa igreja: a construção conjunta!

Acolhida: contribuição feminina para nossa igreja

Professora aposentada, esposa, mãe de 4 filhas. Quem conhece esta gaúcha que já morou em Cascável, PR; Dourados, MS; Santo Ângelo, RS - que agora já está há 25 anos em Cuiabá sabe bem que tamanho não é documento. Se ela tem pouca altura, por outro lado Íris Pedrotti esbanja disposição, alegria e conhecimento de causa ao falar do envolvimento com a igreja.

Foi na época do Ensino Confirmatório que Íris optou de fato pela participação na IECLB. Para ela, ser luterana e ter a alegria de participar de uma igreja que não coloca leis, mas tem uma identidade bem definida: "Liberdade e compromisso - isso é muito importante para mim" - destaca.

Íris considera a nossa igreja extremamente democrática, com muitos espaços para a participação das mulheres e das lideranças leigas. E ela mesma é um bom exemplo desta participação: atualmente, além de partici-

par do grupo de mulheres, é presidente da Comunidade de Cuiabá, 2ª vice-presidente da Assembléia Sinodal e vice-presidente do Concílio, órgão máximo deliberativo de nossa Igreja. Isso sem contar seu envolvimento nos cultos da comunidade, quando dá avisos e anuncia ofertas, fazendo o que os amigos chamam de uma "segunda pregação" - referência à convicção e clareza com que Íris compartilha as mensagens com a comunidade.

"Não são as pessoas individualmente que tomam as decisões, mas o conjunto. Toda a nossa estrutura privilegia isto." - destaca Íris, falando do processo democrático que ela vive a participa na IECLB.

Com clareza, ela afirma que as pessoas não devem se eternizar nos cargos, e se preocupa com a rotatividade nos cargos de liderança.

"Uma época tínhamos aqui em Cuiabá, como forma para incentivar novas pessoas a assumir cargos, a manutenção de parte do presbitério, promovendo uma rica troca de experiências." - conta.

Como luterana e participante convicta da IECLB, o sonho de Íris Pedrotti para nossa igreja é ao mesmo tempo um constante desafio, vivido especialmente no contexto do Sínodo Mato Grosso como ela mesma explica: "temos que continuar e ser cada vez mais igreja missionária, em especial nas grandes cidades. Deixar a igreja de portas abertas. Precisamos encontrar formas de cativar as pessoas, e acredito que isto passa por uma apresentação mais animada de nossa confessionalidade. Temos um papel muito importante dentro do contexto do Brasil: muitas pessoas querem ser igreja, têm a necessidade de sentir-se acolhidas, é só chegar até elas".

De sua vivência em Cuiabá, Íris conta como esta postura de conscientização e acolhida tem trazido bons frutos para a comunidade, levando a IECLB adiante. "Aqui estamos sendo mais pró-ativos, sem receio de convidar as pessoas para conhecer nossa igreja. O presbitério está seriamente comprometido em promover uma real acolhida, estreitando laços, oferecendo comunhão".

Testemunho, pregação e muita disposição

Aos 84 anos Georg Karl Albert Fuchs está sempre disposto a colaborar com a igreja e contribuir para o seu desenvolvimento. Segundo ele, "aposentadora" não está na Bíblia e é preciso seguir sempre fazendo missão, com o exemplo citado por ele do pastor Alcides Jucksch, com mais de 90 anos e que continua se dedicando a levar adiante o Evangelho.

"Sou um homem de propostas e críticas" declara Georg, lembrando que sempre se relacionou bem com as lideranças de nossa igreja, oferecendo sua contribuição, seu olhar e suas idéias a partir da vivência prática. E que vivencial! Em todas cidades pelas quais passou ao longo de sua vida, envolveu-se com as atividades da igreja e, onde ela não estava presente, preocupou-se em organizar estudos bíblicos, cultos, em reunir luteranos.

De 1934 a 1938, Georg frequentou o Instituto Pré Teológico. "Depois começou a Guerra e ficou complicado continuar".

coisas não acontecem de cima para baixo, mas nascem e ganham força nas bases

conta o luterano que orgulha-se de ser pregador leigo. "Já participei como pregador em mais de 80 cultos, realizei cultos, até fiz o Sermão de casamento de um familiar".

Tal é a contribuição de Georg Fuchs, que em julho do ano passado ele recebeu de nossa Igreja uma homenagem, sendo nomeado Presbítero Honorário da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Belo Horizonte.

Nascido na Alemanha ele veio para o Brasil aos 6 anos e teve, como comenta, "uma vida de fé e de muita oração. Se há esperança em Deus, toda a caminhada é boa.

É só confiar em Deus".

E foi confiando em Deus que Georg conheceu sua esposa Lidia, com quem tem 9 filhos, 26 netos e 3 bisnetos e que é sua companheira nas atividades comunitárias, com o grupo de casais encontradas, do qual participam.

Georg está na IECLB tanto por tradição, quanto por convicção: "Nossa fé nos fez permanecer" destaca, lembrando que é preciso envolver-se: "as coisas não acontecem de cima para baixo, mas nascem e ganham força nas bases. Exemplo disso é o próprio surgimento da Comunidade de Belo Horizonte, a partir de um ponto de pregação, graças a persistência e ação das pessoas."

Seguindo esta lógica - a igreja construída por cada um e cada uma - Georg sonha com mais ações missionárias para nossa Igreja: "é preciso fazer missão, sempre, e propagar a palavra de Deus em todo".

Auditor e tradutor, Georg é extremamente observador e já trabalhou com advogados, detalhe que o ajuda em outra tarefa para o qual sempre se dispõe a ajudar: na preparação e revisão de estatutos das instituições ligadas à igreja.

Sua vontade de aprender e colaborar o fez iniciar os contatos com o computador: no início, para digitar textos e logo em seguida para enviar e receber e-mails, utilizando a internet como importante ferramenta para levar adiante suas idéias. Sorte nossa, afinal "sua vida, seus dons e a perseverança na fé que se traduz em serviço são motivo de gratidão e louvor a Deus" - como afirma a homenagem recebida por Georg.



BUETTNER

Atendimento ao Consumidor:
0800 701 9222 - www.buettner.com.br

LUTERANO JOREM

O JOREM AGORA É MENSAL!!